



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Faculdade das Ciências Sociais e Humanas

# Imagens do idoso e do envelhecimento em estudantes universitários

**Fabiana Pinto Vicente**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Supervisão Pedagógica**  
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Doutora Rosa Marina Lopes Brás Martins Afonso

**Covilhã, Junho de 2012**



Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores moças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e de fadigas:  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo. Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

***A velhice de Olavo Bilac***



## Agradecimentos

Aos meus pais, um agradecimento muito especial, por todo o apoio prestado durante toda a minha vida, pelas palavras de força e incentivo e pela base de apoio que representam na minha vida.

Ao meu irmão, pelo seu apoio e compreensão, pelos momentos de descontração em tempos de algum stress e ansiedade e por partilhar comigo momentos únicos.

Aos meus amigos, que não vale a pena nomear porque eles sabem bem quem são, pelo apoio e palavras de ânimo em momentos mais difíceis.

Aos meus colegas de faculdade pelas trocas de ideias e entreaajuda facultados ao longo desta etapa.

Aos estudantes, pela disponibilidade no preenchimento dos questionários.

Agradeço à minha orientadora de dissertação a professora doutora Rosa Marina Afonso, pelas orientações e comentários pertinentes para que tudo isto fosse concretizável.

A todos o meu bem-haja!



## Resumo

A imagem é um símbolo complexo, inconsciente e multidimensional. Porém, se associada ao envelhecimento, esta pode adquirir diversas interpretações, desde positivas, neutras ou negativas. Vários estudos indicam que as imagens e estereótipos que se têm do idoso e do envelhecimento são maioritariamente negativas, associando-as a fatores negativos como doença, solidão e/ou dependência. Os estudantes universitários assim como todos os elementos da sociedade estão recetivos a todo o tipo de crenças sobre o envelhecimento que muitas das vezes são erróneas. Este estudo analisou as imagens e estereótipos acerca das pessoas idosas e do envelhecimento. Participaram 231 estudantes da Universidade da Beira Interior, distribuídos por sete cursos. Para tal foi utilizado um questionário sociodemográfico e a Escala ImAges (Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Esta escala está composta por quatro fatores sendo eles “Dependência, Tristeza e Antiquado”; “Incompetência Relacional e Cognitiva”; “Maturidade, Atividade e Afetividade”; e por fim, “Inutilidade”. Os resultados indicam que em relação ao Género, existem diferenças extremamente significativas, onde as mulheres ( $M=32,7$ ;  $DP=6,82$ ) apresentam menos imagens e estereótipos de “Dependência, Tristeza e Antiquado” associados ao idoso que os homens ( $M=36,7$ ;  $DP=6,56$ ), verificando-se apenas o contrário no único fator positivo “Maturidade, Atividade e Afetividade” onde os homens ( $M=21,9$ ;  $DP=3,11$ ) apresentam menos imagens e estereótipos de envelhecimento que as mulheres ( $M=20,9$ ;  $DP=2,89$ ). Em relação ao Curso, os resultados sugerem diferenças extremamente significativas ( $F(6;224) = 6,145$ ;  $p < 0,001$ ) e uma tendência para que os alunos dos cursos que tiveram conteúdos sobre o envelhecimento ( $M=4,3$ ;  $DP=1,75$ ), ao longo da sua formação, possuam menos estereótipos e imagens sobre os idosos e o envelhecimento, como é o caso do curso de Psicologia e Via Ensino. Quanto à variável Idade, não se verificam estatísticas significativas nos fatores, apresentando no entanto, uma tendência para que quanto mais se avança na idade menos imagens e estereótipos de “Dependência, Tristeza e Antiquado” sobre o envelhecimento se detém, ainda assim são os mais novos ( $M=21,6$ ;  $DP=3,09$ ) que atribuem mais imagens positivas de “Maturidade, Atividade e Afetividade” aos idosos e ao envelhecimento. Por fim, em relação ao Contacto Intergeracional com Pessoas Idosas da Família e Não familiares aponta-se a tendência para que quanto menos frequente for o relacionamento com pessoas idosas mais imagens negativas de “Dependência, Tristeza e Antiquado” e “Incompetência Relacional e Cognitiva” existem, apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas.

## Palavras-chave

Envelhecimento; Imagens; Contacto Intergeracional; Estereótipos.



## Abstract

The image is a complex, unconscious and multidimensional symbol. However, when associated with aging, it can acquire a wide variety of interpretations, ranging from positive, to neutral or negative. Several studies indicate that the images and stereotypes one has of the elderly and aging are mostly negative, associating them with negative aspects, such as illness, loneliness and/or dependence. College students, as well as all elements of society, are susceptible to all kinds of beliefs about aging that are often misleading. This study sought to investigate the existence of images and stereotypes about the elderly and aging. Participated 231 students at the Universidade da Beira Interior, comprising over seven courses. To this end, we used a socio-demographic questionnaire and ImAges Scale (Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). This scale is composed of four factors, which are “Addiction, Sadness and Old Fashioned”; “Relational and Cognitive Incompetence”; “Maturity, Activity and Affection”; and, finally, “Uselessness”. The results indicate that, in regard to Gender, there are extremely significant differences, where women ( $M=32,7$ ;  $DP=6,82$ ) have fewer images and stereotypes of the “Addiction, Sadness and Old Fashioned” related to the elderly than men ( $M=36,7$ ;  $DP= 6,56$ ), whereas the opposite can be noted in the only positive factor “Maturity, Activity and Affection”, where men ( $M=21,9$ ;  $DP=3,11$ ) have fewer images and stereotypes of aging than women ( $M=20,9$ ;  $DP=2,89$ ). In relation to Course, the results suggest are extremely significant differences ( $F(6;224) = 6,145$ ;  $p < 0,001$ ) and a tendency for students that attended courses which tapped the topic of aging ( $M=4,3$ ;  $DP=1,75$ ), throughout their studies, to have fewer stereotypes and images about the elderly and aging, such as the Psychology and Education courses. As for the Age variable, can't observe statistical significant differences in factors, though presenting, a tendency than as more we advance in age, the less images and stereotypes of the “Addiction, Sadness and Old Fashioned” about the elderly and aging one has, though it is the youths ( $M=21,6$ ;  $DP=3,09$ ) that attribute more positive images of “Maturity, Activity and Affection” to the elderly and aging. Finally, in what concerns the Intergenerational Contact with Elder People of the Family and Non-familials, there is a tendency so that a fewer relationship frequent with the elderly, more images and stereotypes negatives about the “Addiction, Sadness and Old Fashioned” and “Relational and Cognitive Incompetence” there are, despite not having statistically significant differences.

## Keywords

Aging; Images; Intergenerational Contact; Stereotypes.



# Índice

Introdução .....	1
1. Representações Sociais, Imagens e Estereótipos sobre envelhecimento .....	4
1.1. A velhice e o envelhecimento ao longo da história .....	4
1.2. Representações Sociais: Contextualização Teórica .....	7
1.2.1. Durkheim e as Representações Coletivas .....	7
1.2.2. Moscovici e as Representações Sociais .....	7
1.2.3. Teorias das Representações Sociais .....	8
1.3. Representações Sociais e Envelhecimento .....	10
1.4. Imagens e Estereótipos do Envelhecimento .....	11
1.5. Estudos sobre as imagens do idoso e da velhice .....	14
1.5.1. Estudos Internacionais .....	15
1.5.2. Estudos Nacionais .....	17
2. Intergeracionalidade e Imagens do Envelhecimento .....	19
2.1. Gerações e Relações Intergeracionais .....	19
2.2. Intergeracionalidade, Educação e Cidadania .....	21
2.2.1. Intergeracionalidade no Ensino Superior e Imagens do Envelhecimento .....	24
2.3. Emergência da Intergeracionalidade em Portugal .....	26
2.4. Programas e Práticas Intergeracionais .....	30
2.4.1. Caracterização dos Programas Intergeracionais .....	30
2.4.2. Benefícios dos Programas Intergeracionais .....	31
2.5. Contacto Intergeracional e Imagens do Envelhecimento .....	33
3. Apresentação do Estudo .....	36
4. Objetivos de Estudo .....	37

5. Método .....	37
5.1. Participantes.....	37
5.2. Instrumentos.....	41
5.3. Procedimentos.....	44
6. Análise de Dados.....	44
7. Resultados .....	45
8. Discussão dos Resultados.....	54
9. Conclusão .....	58
Referências Bibliográficas.....	61



## Lista de Figuras

Figura 1 - Curso dos participantes no estudo (N=231).....	38
---	----



## Lista de Tabelas

Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra (N=231) .....	38
Tabela 2 - Idade dos participantes no estudo, por curso (N=231) .....	39
Tabela 3 - Distribuição dos estudantes em função do nº de pessoas idosas com quem residem .....	39
Tabela 4 - Distribuição dos estudantes em função do relacionamento com pessoas idosas (N=231) .	40
Tabela 5 - Conteúdos sobre o envelhecimento no curso, segundo informação dos estudantes .....	40
Tabela 6. Fatores da <i>Escala ImAges</i> .....	42
Tabela 7. Fatores e Itens da escala <i>ImAges</i> .....	42
Tabela 8. Alpha de Cronbach da Escala <i>ImAges</i> e dos Respetivos Fatores .....	43
Tabela 9 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por género (n=231). .....	46
Tabela 10 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por curso (n=231). .....	47
Tabela 11 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por faixa etária (n=231). .....	48
Tabela 12 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por local de proveniência (n=231). .....	49
Tabela 13 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes com o contacto intergeracional com pessoas idosas da Família (n=231). .....	50
Tabela 14 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes com o contacto intergeracional com pessoas idosas não sendo da Família (n=231). .....	52
Tabela 15 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, segundo o Residir ou não com pessoas idosas (n=231). .....	53



## Lista de Acrónimos

AEEASG	Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações
CESE	Comité Económico e Social Europeu
CIRES	Centro de Investigações da Realidade Social
EAPN	Rede Europeia Anti-Pobreza
INE	Instituto Nacional de Estatística
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAII	Programa de Apoio Integrado a Idosos
TIO	Terceira Idade Online
UBI	Universidade da Beira Interior
VIDA	Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Ativo



## Introdução

O crescimento da população idosa é apontado atualmente como um desafio para a sociedade portuguesa. A mudança pela qual o mundo está a passar, de forma profunda e irreversível, terá um impacto marcante na estrutura das sociedades. Este crescimento populacional assenta em vários fatores e sendo um fenómeno demográfico, assiste-se ao envelhecimento da população, ao declínio da taxa de mortalidade, ao aumento da esperança média de vida, ao decréscimo das taxas de natalidade e a diferenças nas relações sociais (Harper, 2006; INE, 2009; Neri, 2001 cit in Wachelke, et al., 2008). Com o aparecimento de organizações e de planos de ação alusivos ao envelhecimento, várias foram as reflexões sobre esta temática nas sociedades contemporâneas, uma vez que a humanidade vive cada vez mais tempo e em melhores condições do que em qualquer outro momento da sua história, observando-se simultaneamente, enormes avanços e modificações ao nível sociodemográfico (Laidlaw & Pachana, 2009).

O interesse pela temática do envelhecimento sempre se encontrou patente, no entanto só ultimamente se assistiu ao desenvolvimento de novas tecnologias, métodos e técnicas por parte dos profissionais, com o intuito de melhorar as condições de vida dos cidadãos mais idosos (Silva, 2001). Neste sentido e de forma a atenuar as imagens negativas existentes sobre o envelhecimento, o Estado implementou uma rede de respostas sociais ao idoso essencialmente em lares, asilos e casas de repouso, como também se criaram associações com programas adequados a práticas intergeracionais com o objetivo de promover um contacto intergeracional e um envelhecimento ativo e saudável (Oliveira, 2011). Os profissionais são assim chamados a intervir, uma vez que estamos a assistir a novos problemas sociais, sendo um deles a discriminação social que se propaga através de certos comportamentos, atitudes e preconceitos que estão presentes nas relações e interações diárias para com as pessoas idosas ou através da divulgação menos positiva nos meios de comunicação social. A sociedade portuguesa depara-se frequentemente com diversas expressões para uma sociedade antienvelhecimento, que é reforçada pelos meios de comunicação, através de uma população jovem, onde as suas perceções sobre a velhice são ricas em estereótipos transportando uma grande conotação negativa (Magalhães, 2010; Maltempo, 2006). Ainda assim e com todos estes avanços científicos e divulgações acerca do processo de envelhecimento, parece que estes esforços ainda não foram suficientemente capazes de mudar estas culturas jovens, como contrariamente tem vindo a acontecer com o racismo e as diferenças de género (Ferreira-Alves & Novo, 2006).

Também a par desta nova realidade, várias características e consequências emergem gradualmente, de maneira que presentemente existem mais cidadãos com 70 e 80 anos do que alguma vez em outro momento da história (Bowling, 2008). O progressivo envelhecimento demográfico manifesta então que o número de pessoas idosas tem aumentado significativamente e, com esse aumento surgem alguns fatores como a adaptabilidade, a

saúde e o próprio sucesso dos mais velhos, que são postos diariamente em causa pelos padrões normativos vigentes da sociedade, em que os símbolos da juventude são cada vez os mais valorizados (Ferreira-Alves & Novo, 2006; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008).

O envelhecimento varia de indivíduo para indivíduo, uma vez que as pessoas não envelhecem todos da mesma forma. Implica alterações a nível biológico, psicológico e social, que se traduzem ao nível do comportamento do idoso, no tipo de atividades que mantém, bem como nas interações sociais que estabelece (Berger & Mailloux-Poirier, 1995). No entanto, para além das limitações e das perdas que podem advir com o envelhecer, este é também visto como uma fase de maior maturidade, sabedoria e experiência de vida (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Baltes & Staudinger, 1993 cit in Gázquez, et al., 2009).

Nesta dissertação, o conceito de imagens e estereótipos adota assim um papel fundamental, na medida em que ambos refletem as atitudes e representações sociais, utilizadas para categorizar e caracterizar determinados grupos sociais, particularmente o idoso e o envelhecimento. A revisão da literatura indica que a sociedade tende a representar a velhice de modo negativo, uma vez que esta é baseada no declínio biológico e comportamental sendo acompanhada por atos discriminatórios que conseguem colocar de parte a população idosa (Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010; Ribeiro & Sousa, 2008).

Sendo as imagens e representações do envelhecimento transversais à sociedade, também ocorrem nos jovens que de uma maneira ou de outra lidam com os idosos, podendo assim influenciar o contacto intergeracional (Ribeiro & Sousa, 2008). Neste sentido, procura-se no presente estudo, aprofundar o conhecimento das imagens da velhice e envelhecimento em alunos universitários, identificando desta forma conjuntamente as imagens e estereótipos que estes detêm. Pretende-se ainda analisar a influência do contacto intergeracional para a formação dessas imagens e representações sociais.

Esta dissertação encontra-se organizada em duas partes. A primeira parte, de carácter teórico, está dividida em dois capítulos, em que, no primeiro capítulo se procura caracterizar teoricamente o conceito de Imagens, Estereótipos e Representações Sociais, bem como fazer uma descrição das principais alterações sociais que ocorrem com o envelhecimento, abordando ainda os vários estudos efetuados acerca desta temática evidenciando as principais imagens e estereótipos associados ao idoso e envelhecimento; no segundo capítulo, é introduzido o conceito de Intergeracionalidade, definindo-o e cruzando-o com as imagens e estereótipos, aborda-se ainda o fator educação e cidadania no ensino superior, bem como os benefícios do contacto intergeracional e dos programas intergeracionais. Por sua vez, na segunda parte desta investigação, procede-se à exposição do estudo empírico efetuado, que diz respeito à sua apresentação, definição de objetivos, descrição da metodologia utilizada e da amostra, análise dos resultados obtidos, a sua discussão e por fim as conclusões gerais do estudo.

**I.**

# **PARTE TEÓRICA**

# 1. Representações Sociais, Imagens e Estereótipos sobre envelhecimento

## 1.1. A velhice e o envelhecimento ao longo da história

A história reflete que a velhice sempre foi objeto de construção social nas distintas culturas e civilizações sendo que para estudar o envelhecimento é preciso atender a um conjunto de fatores presentes de acordo com a época e a realidade humana (Ferrigno, 2006). Assim sendo ao longo do tempo diversas conotações foram conferidas à velhice e às atitudes para com os idosos, consequência esta de constantes mudanças na sociedade (Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Segundo o autor Áries (1986), o conceito de velhice passa por três etapas diferentes. Nos séculos XVI e XVII, a velhice assumia um caráter pejorativo, por não ser habitual alcançar esta etapa de vida. Posteriormente e com o passar dos anos, vários foram os processos de mudança das imagens da velhice. A segunda etapa surge no século XVIII e durante o século XIX, em que a imagem da velhice era associada a sabedoria, respeito e simpatia, onde os avós assumem o papel de educadores, transmitindo às crianças o gosto pelas histórias. Até ao final do século XIX considerava-se que quem sobrevivía e conquistava a etapa do envelhecer tinha uma posição particular e de primazia na sociedade, sendo assim valorizado. Gørgen (1991) refere que todas as culturas e religiões desta época davam o seu devido valor aos idosos, pelo facto de que com o nascimento, começava a morte. Por fim num terceiro momento, a ideia de idoso desaparece e dá lugar ao “*homem de certa idade*” e aos “*senhores e senhoras muito bem conservados*” (Lopes & Park, 2007, p. 141).

No que se refere à esperança média de vida, por volta do ano de 1300, esta dificilmente excedia os 30 anos. Já no início do século XIX a expectativa de vida aumentou para aproximadamente 35 anos, sendo que atualmente já ultrapassou em mais do dobro, os 30 anos referidos, encontrando-se assim entre os 70 e 80 anos (Gørgen, 1991; Bowling, 2008).

A partir do final século XIX, surge uma nova perspetiva acerca do conceito de velhice, em que não há lugar para a consideração e o respeito, mas antes para uma valorização da perspetiva económica. Considera-se a velhice como uma etapa menos produtiva, estando o idoso abandonado numa sociedade onde se começa a privilegiar o trabalho jovem e em fábrica. Desta forma no século XX, o aparecer da industrialização traz consigo um processo de estratificação social por idades, que determina a inversão das posições de poder e o acesso a responsabilidades e a certos papéis, dando deste modo aos jovens trabalho mecânico e, dispensando os mais velhos com pretexto de inutilidade, destituindo-os assim do poder que previamente ocupavam (Esquivel, Calleja, Hernández, Medellín & Paz, 2009).

Este advento da sociedade industrial e consequentemente de algumas conceções etnocêntricas, ricas em padrões ideais como o do poder, de produção, de inovação e de

consumo, contribuíram para a aposta na juventude, fazendo com que a velhice fosse encarada como um período de declínio social, surgindo desta forma preconceitos e estereótipos que evidenciam as imagens negativas do idoso e do envelhecimento na sociedade (Beauvoir, 1990; Esquivel, Calleja, Hernández, Medellin & Paz, 2009). Este fenómeno remete assim para o que a autora Simone de Beauvoir (1990) afirma, quando refere que a velhice só poderia ser compreendida no seu todo uma vez que esta é não só um fenómeno biológico como também cultural. Esta conceção de velhice vai deste modo ao encontro do processo atual, em que os valores normativos são a produção, o consumo e a reprodução. Também Barreto (1992 cit in Lopes & Park, 2007) vai ao encontro destas explicações, quando menciona as consequências do envelhecimento da população portuguesa ou de qualquer outra, afirmando que existem vários desenvolvimentos ao nível tecnológico, de bem-estar, entre outros, mas no que se refere a progressos com idosos não se verificam tão profundamente, sendo deste modo sentidos mais retrocessos com estes, separando assim as gerações onde a própria sociedade se organiza para quem produz.

As sociedades contemporâneas regem-se deste modo por valores materiais, privilegiando os indivíduos jovens e ativos, o que resulta em efeitos negativos e assoladores nos cidadãos, diminuindo ainda a capacidade produtiva da pessoa fragilizada (Ferreira-Alves & Novo, 2006; Lopes & Park, 2007; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). O idoso sem autonomia é rapidamente afastado do trabalho, das funções de produção, manutenção e transmissão de saberes e conhecimentos, desta forma tende ao isolamento e a situações de dependência. Atendendo a este contexto, denota-se que a sociedade portuguesa não é exceção, referindo-se a um processo global que atinge não só os idosos como também as famílias, os meios e estratos sociais (Martins, 2006).

Com todas estas envolventes, e ao este fenómeno tornar-se num problema social uma vez que a sociedade não estava adaptada para estas mudanças, surgiu a necessidade, por volta dos anos 1940 a 1980, de se impulsionar a pesquisa gerontológica internacional atendendo às teorias sociológicas e psicológicas da época (Doll, 2007). É somente a partir desse período, estimulado pela tensão social e demográfica, que a velhice passou a mobilizar gente, meios, esforços e atenções consideradas suficientes, surgindo assim um aumento do número de trabalhos de investigação nesta área (Martins, 2006). Devido a todas estas modificações que se foram fazendo sentir, e à manifesta preocupação com esta faixa etária houve também a necessidade de se criar disciplinas científicas específicas, nomeadamente a gerontologia e a geriatria com intuito de estudar o idoso e o envelhecimento em profundidade (Allport, 1954 cit in Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010).

Em Portugal, de acordo com as projeções disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2009), as alterações na estrutura demográfica estão bem explícitas. A proporção de população jovem reduz-se dos 15,3% em 2008 para 11,9% em 2060 e a população idosa aumentará dos 17,4% para os 32,3%. Segundo o INE, prevê-se que em 2060 haverá em Portugal 271 idosos por cada 100 jovens, mais do dobro do valor que foi projetado para 2009

(116 idosos por cada 100 jovens). Estes dados levam os especialistas a ponderarem a inclusão de conteúdos sobre o envelhecimento nas escolas e prepararem os mais novos para a sua própria velhice.

A população portuguesa apresenta assim, nos dias de hoje, uma estrutura envelhecida, e pela primeira vez na sua história, a população idosa passou a ser mais numerosa do que a jovem. Deste modo e face a estes dados evidencia-se a importância para a solidariedade entre as gerações. Esta estrutura populacional envelhecida é expressa pelo aumento da percentagem relativa de idosos, que segundo a Organização Mundial de Saúde [OMS] fazem parte indivíduos com idade igual ou superior a 65<sup>1</sup> anos de idade, na população de países desenvolvidos (António, 2010; Giddens, 2007).

Refletindo sobre o declínio da população jovem, concomitante com o aumento da população idosa, denota-se que o índice de envelhecimento da população aumentará. Um dos fatores apontado para este aumento reflete o avanço da medicina e das melhorias nas condições de vida da população, assim como se atribui também fatores para a baixa taxa de natalidade, como o caso igualmente do avanço da medicina e das melhorias nas condições de vida, mas ainda devido às maiores habilitações literárias da mulher, à maior participação da mulher na vida ativa, ao aumento da idade média à data do primeiro casamento e ao uso de métodos de contraceção (António, 2010; Neri, 2001 cit in Wachelke, et al., 2008; Ramos, 2005).

Com o aumento da longevidade, do progresso social e científico, as transformações na própria estrutura da família possibilitaram transformações profundas na sociedade e no comportamento das pessoas. Com estes dados e uma vez que ao longo do tempo estamos a caminhar para que hajam mais avós que netos, estaremos assim perante um “*boom dos avós*” onde o mais comum é a existência das chamadas “*famílias verticais*” onde se perpetuam diferentes gerações, sendo que em tempos anteriores as famílias mais representativas eram denominadas de “*famílias horizontais*” onde predominavam vários irmãos (Harper, 2006; Jacob, 2007).

No final, verifica-se que a globalização, a migração, o declínio da taxa de fertilidade, a participação das mulheres no mercado de trabalho e todos os envolventes nomeados anteriormente, são mudanças irreversíveis que tornam o envelhecimento ativo cada vez mais desafiador, e mais do que nunca, um fenómeno crucial. E segundo Giddens (1999, p.107), “*deveríamos repensar o que é que a velhice representa e a forma como as transformações da sociedade em geral afetam as posições dos idosos*”. Assim, nesta linha de orientação, procedemos, no próximo ponto, a uma análise das representações sociais da velhice na sociedade e a sua posição no coletivo social.

---

<sup>1</sup> Considera-se ainda a idade de 65 anos, para delimitar os indivíduos idosos, por ser a idade de entrada para a reforma (António, 2010).

## 1.2. Representações Sociais: Contextualização Teórica

### 1.2.1. Durkheim e as Representações Coletivas

A construção social da realidade e a noção de representações é uma ideia que surge na Sociologia, com Durkheim, no ano de 1898. Este mesmo autor estabeleceu diferenças entre as representações individuais, que dizia serem baseadas nos objetos de estudo da Psicologia e as representações coletivas, baseadas no estudo da Sociologia (Oliveira, 2004). Ele entendia que o coletivo não poderia ser reduzido ao individual, uma vez que a própria consciência coletiva transcende a individual. Valorizando assim as representações coletivas, verifica-se que este conceito se baseia na sociedade como um todo, ou seja, são ideias gerais e crenças existentes na sociedade de caráter estático. Defende ainda a ideia de vida social, uma vez que é a condição para a presença de todo o pensamento e onde todos os fenómenos sociais são impostos ao indivíduo, sendo obrigatórios e fazendo com que os mesmos pensem e se comportem de uma forma homogénea para o bem comum (Oliveira, 2004).

Este conceito de representação coletiva viria, mais tarde, na década de 60, a ser reformulado por Moscovici que falaria no conceito de representações sociais e que era difícil de particularizar e descrever, precisamente pelo facto de estar numa posição mista entre conceitos sociológicos e psicológicos (Vala, 2002).

### 1.2.2. Moscovici e as Representações Sociais

Durante muito tempo o conceito de representação coletiva permaneceu na Sociologia, de forma a descrever as interações sociais, mas com o desenvolvimento do trabalho de Moscovici, este verificou que as representações que Durkheim apresentava deveriam ser compreendidas e desenvolvidas num outro nível de análise: a Psicologia Social. Esta situa-se no cruzamento das ciências psicológicas e das ciências sociais, garantindo e delimitando deste modo a sua especificidade dentro do contexto da sociedade atual, bastante distinta daquela sociedade que Durkheim mencionava (Oliveira, 2004).

Ao contrário de Durkheim, Moscovici (1976; 2000) associava as representações a situações dinâmicas e heterogéneas, havendo uma relação precisa entre o social e o individual. Ao comunicarem e relacionarem-se entre si (Moscovici, 1984 cit in Araújo, Coutinho & Carvalho, 2005), os indivíduos e os grupos vão produzir e modificar as suas próprias representações, ou seja, para o autor as representações sociais são sempre o produto de uma interação e comunicação, onde o contexto social influencia sempre o comportamento dos indivíduos e conseqüentemente a construção da sua própria realidade social (Spink, 1993).

Em geral, os grupos produzem e modificam as representações, como uma forma de filtração da informação que advém do meio social, adequando deste modo o seu comportamento individual (Araújo & Carvalho, 2005). Estas representações podem afingar-se

como imagens, categorias ou teorias, que abarcam um conjunto de significados e que possibilitam o interpretar da informação do meio, classificar fenómenos e indivíduos, edificando deste modo uma realidade comum a vários sujeitos (Neto, 1998).

As representações sociais são ainda expostas segundo a transmissão de conhecimentos que recebemos através das tradições, da educação e da comunicação social, sendo uma forma de conhecimento que sofre a influência de informações (Monchietti & Sánchez, 2008). Deste modo, estas representações, através de todas as construções cognitivas que vão sendo elaboradas, como as imagens e os conceitos que são expressos através da linguagem, abrangem todo o tipo de preconceito, crenças, estereótipos, atitudes e valores, assim como, ideias compartilhadas e aceites pelo todo numa determinada sociedade, sendo o resultado de interações sociais, regulando desta forma os variados comportamentos (Lopes & Park, 2007; Moñivas, 1998).

### 1.2.3. Teorias das Representações Sociais

Ainda na década de 60, Moscovici alarga o conceito de Representações Sociais, desenvolvendo os fundamentos teóricos deste mesmo conceito. Em 1961, o mesmo autor propõe a Teoria das Representações Sociais. Para este foi pertinente falar-se em representações sociais na modernidade, uma vez que as mudanças políticas, sociais e económicas ocorrem com rapidez e diversidade, tendo em conta a constante e clara influência que a ciência e os meios de comunicação social têm sobre as interações quotidianas, sendo estes os aspetos básicos das representações sociais (Farr, 1998a & Monchietti & Sánchez, 2008).

Para a teoria das representações sociais, uma representação não significa reprodução, mas sim uma construção coletiva em que o conhecimento organizado do grupo recria um objeto e o substitui, tendo sempre em conta as representações já existentes (Moscovici, 1976), isto é, estas assumem-se como uma realidade que é exposta aos atores sociais, determinando tanto a essência das características do ambiente, quanto as ações a serem tomadas (Abric, 1998 cit in Bôas, 2004; Moscovici, 2003).

Esta teoria trata-se ainda de um universo consensual que é também o foco da Psicologia Social (Moscovici, 1981). O principal objeto de estudo das Teorias das Representações Sociais é as teorias que são criadas e partilhadas pelos grupos nas suas comunicações quotidianas, designadas na literatura científica, de Teorias do Senso Comum (Moscovici & Hewstone, 1985).

Falar em representações sociais como forma de conhecimento ou teorias do senso comum, implica reconhecer a especificidade de diferentes modalidades de conhecimento. Moscovici está interessado em como uma modalidade de conhecimento se transforma em outra, ou seja, o conhecimento científico em senso comum, elaborado a partir de modelos

culturais e sociais e que dão quadros de compreensão e de interpretação do real, no quotidiano dos indivíduos e dos grupos (Farr, 1998a; Moscovici, 1978; Moscovici e Hewstone, 1985; Vala, 1993).

Também para Vala (1993), a representação social surge num dado contexto, com determinados valores, ideologias e sistemas de categorização social, compartilhados por distintos grupos sociais. Através da comunicação e das interações entre indivíduos é que se alcançam as representações sociais (Parales & Ruiz, 2002).

Segundo Farr (1998b), Moscovici modernizou e adaptou a ciência social ao mundo atual substituindo as representações coletivas pelas representações sociais, cooperando deste modo significativamente para o conhecimento dos fenómenos coletivos. Estas representações com que Moscovici se ocupa, não são compreendidas como incontestáveis ou consensuais como Durkheim as apelidava, mas sim como objeto de controvérsia e conflitos nas comunicações interpessoais do quotidiano. Através desses conflitos é que as representações sociais se aproximam ou afastam, se unem umas às outras ou se distinguem (Farr, 1998a; Moscovici 1981).

A representação social é assim um processo partilhado socialmente (Wagner, 1998), que se insere nas relações quotidianas de grupos sociais (Doise, 1985), tendo como funcionalidade desenvolver aspetos importantes da realidade, definir a identidade de grupo, orientar as práticas sociais e justificar as ações e tomadas de decisão que daí foram efetuadas (Abric, 1998 cit in Bôas, 2004; Spink, 1993).

Moscovici refere ainda que a representação social surge da necessidade de modificar aquilo que é desconhecido em familiar, sendo uma forma de manipulação do pensamento e construindo uma realidade a partir daquilo que se sabe dela, auxiliando ainda a orientação das pessoas no seu mundo social, fornecendo um código para nomear e classificar vários aspetos (Moñivas, 1998; Moscovici, 1981 cit in Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999; Potter & Litton, 1985; Spink, 1993). Segundo os autores, afirma-se também que é a partir destas representações que somos capazes de lembrar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma dada situação na sua ausência, conseguindo-se assim fazer uma reconstrução do real, uma reprodução mental sobre uma determinada prática.

São necessários dois processos para a familiarização com o desconhecido: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem é o processo de aproximação daquilo que é desconhecido e estranho para o que é familiar e compreensível ao grupo. Essa aproximação é feita através das imagens, conceitos e linguagem compartilhadas pelo todo. É assim um processo de coordenar informações acerca de um objeto social em relação a estruturas de conhecimento anteriormente adquiridas, ligando as representações sociais a uma memória coletiva (Moscovici, 2003 cit in Wachelke et al., 2008; Spink, 1993; Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Quanto ao processo de objetivação os grupos reproduzem o desconhecido, é um processo pelo meio do qual uma noção abstrata ganha forma e torna-se concreta por meio

de imagens ou ideias, resultando numa organização dos conteúdos semelhante a um mapa conceitual (Doise, Clemence, & Lorenzi-Cioldi, 1992; Spink, 1993).

### 1.3. Representações Sociais e Envelhecimento

As representações sociais podem ser associadas a vários grupos da sociedade, nomeadamente sobre a camada idosa e o envelhecimento. A qualidade de vida nos idosos é influenciada pelas distintas visões sobre o envelhecimento e ideias preconcebidas relativamente aos mesmos, que na sua grande maioria são erradas (Berger, & Mailloux-Poirier, 1995). A velhice é considerada por Jodelet (2009) um objeto social polissêmico, precisamente pelo facto de ser impossível tratá-la como um fenómeno homogéneo.

Segundo Beauvoir (1990), as representações sociais do envelhecimento comportam mudanças ao longo do tempo dentro de uma mesma sociedade e em sociedades diferentes, refletindo-se no modo como os idosos são tratados atendendo também a um sistema de valores e de crenças próprio. Estas representações têm assim consequências na vida quotidiana quando um indivíduo ou grupo de indivíduos adota certos comportamentos e os põe em prática (Araújo & Carvalho, 2005), ou seja, no que se refere aos idosos, estas representações são o resultado do modo como a sociedade apresenta determinadas práticas para com estes e do significado que lhes atribuem.

As representações sociais são assim fenómenos sociais (Jodelet, 1997), construídas com base em diferentes contextos, nas informações que circulam pela sociedade, nas interações e relações sociais e, no meio envolvente do qual nascem. Estas modificam-se e até se podem dissolver, por isso para que sejam compreendidas é sempre importante conhecer o contexto em que são produzidas (Araújo, Coutinho & Santos, 2006; Jodelet, 1997; Spink, 1993).

A sociedade atual reúne um pluralismo cultural, classes sociais e características que lhe são inerentes, como a linguagem, a religião, os papéis de identidade, os comportamentos, os hábitos e os costumes. Sendo que tanto as culturas como os indivíduos nem todos são iguais, cada pessoa deve ser encarada e respeitada de acordo com a sua identidade. Assim, é neste contexto que se inserem os idosos, como sendo um grupo específico da nossa sociedade. As representações atribuídas às pessoas idosas têm vindo desde há um tempo atrás a tomar um novo rumo. Onde antes estas eram encaradas como um grupo de saber e sobrevalorizado em detrimento de outros grupos etários, passou-se depois a valorizar o que é jovem, a produtividade, o novo e o elegante, tornando assim os idosos um grupo especialmente vulnerável à exclusão (Lopes & Park, 2007 & Silva, 2001).

Vemos deste modo, que envelhecimento da população acarreta novos problemas sociais, nomeadamente a discriminação que se vislumbra através das atitudes, comportamentos e preconceitos, intensificados através de determinadas interações e pelos próprios meios de comunicação (Ferreira-Alves & Novo, 2006).

O envelhecimento é portanto um processo complexo, influenciado pelo resultado contínuo de transformações que vão ocorrendo ao longo dos tempos (Schneider & Irigaray, 2008) e embora o conceito de idoso carregue consigo um sentido pejorativo, é realmente o que acontece quando se atingem várias etapas que foram sendo ultrapassadas no trajeto de vida. Segundo Guimarães (2007) é essencial entender todo o percurso e todos os aspetos da condição humana e, da mesma forma Beauvoir (1990 cit in Guimarães, 2007) refere que devemos parar de nos enganar a nós próprios, conhecendo-nos como somos e reconhecendo-nos nos idosos, não ignorando deste modo quem seremos futuramente. Ainda a mesma autora Beauvoir, no seu livro *A Velhice*, refere que estamos longe de alcançar uma sociedade unida e consciente, que conceba condições culturais onde os jovens obtenham meios para conseguir entender as políticas que são criadas para a velhice e ainda que esta seja entendida como mais uma etapa da vida e não um passo para a morte. É com todos estes envolventes que a própria autora menciona que a atenção e o trato concedido à velhice “denunciam o fracasso de toda a nossa civilização” (Beauvoir, 1970 cit in Guimarães, 2007, p.13).

#### 1.4. Imagens e Estereótipos do Envelhecimento

Atendendo a estes propósitos que foram sendo mencionados, começou a ser dado um olhar mais direcionado para esta população envelhecida. É neste sentido, que diversos autores têm estudado as imagens, estereótipos e representações sobre os idosos, dando através das suas perspetivas algumas considerações. E ao referir o conceito de imagem, é relevante delimitar o mesmo dentro de um referencial teórico bem estruturado. É através da relação com o meio social envolvente, que os indivíduos captam as representações ao seu redor e categorizam e organizam esses dados percecionados. Estas perceções adquiridas da realidade são assim armazenadas através de imagens que são suscetíveis a distorções uma vez que podem ser influenciadas por fatores de natureza física, social e psicológica (Sánchez, 1982).

A imagem é segundo Ribeiro (2007, p. 38) “um conjunto de conceitos e valores que as pessoas associam a uma determinada pessoa, objeto, produto ou instituição (...) é construída pela pessoa, aliada a um sistema de valores (cultura), exercendo inevitavelmente influência na construção da perceção e do pensamento”. As imagens são então representações que se associam à aparência externa, estando desta forma ligadas a estereótipos (Sousa, Cerqueira & Galante, 2008), que neste sentido, ao serem compartilhadas na sociedade sobre um determinado grupo, afetam não só o modo de relacionamento particular com este, como amplificam as ideias já existentes (Cathalifaud, Thumala, Urquiza & Ojeda, 2007).

As imagens do envelhecimento são influenciadas pela cultura e o contexto em que se inserem e desenvolvem (Esquivel, Calleja, Hernández, Medellín & Paz, 2009; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Abrangem deste modo, comportamentos, emoções, crenças, juízos de valor, representações e estereótipos que se manifestam ao longo da vida e que podem até

assumir formas de discriminação, como o Idadismo (ageism), que se assume como um processo de discriminação etária que envolve atitudes negativas face aos idosos assim como manifestações de separação etária (Ribeiro, 2007). Estas imagens relacionam-se então com o modo em que o grupo é integrado e valorizado, isto é, a forma como os idosos percebem e experimentam a sua velhice e também como os próprios jovens refletem o seu próprio envelhecer (Cathalifaud, Thumala, Urquiza & Ojeda, 2007).

A utilização de imagens negativas em relação ao envelhecimento tem portanto, para a população idosa, um papel fundamental na génese de atitudes negativas, estereótipos e preconceitos, prejudicando deste modo, o tratamento social dado a estas pessoas, assim como afeta o modo como os sujeitos de outras idades encaram a futura velhice (Kite e Johnson, 1988 cit in Sousa & Cerqueira, 2005; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008).

Para Monteiro e Santos (1999) estereótipos são generalizações ou pressupostos que se fazem sobre determinados grupos sociais ou comportamentos de grupos ou indivíduos específicos, com características idênticas, ou seja, são um conjunto de crenças que dão uma imagem simplificada das características de um grupo ou dos membros desse mesmo grupo. Também Berger e Mailloux-Poirier (1995) na mesma linha expõem que um dos grandes obstáculos e que faz uso destes estereótipos, é o facto de se achar que os idosos são um grupo homogéneo de pessoas contendo todos, o mesmo tipo de necessidades. Envelhecer difere de pessoa para pessoa, uma vez que há vários fatores que influenciam o passar dos anos (Coutrim, Boroto, Vieira & Maia, 2007). Estas ideias preconcebidas sobre a velhice e reforçadas muitas das vezes pelos meios de comunicação social (Mascaro, 1997 cit in Coutrim, Boroto, Vieira & Maia, 2007), dizem respeito na sua essência à capacidade física dos idosos, manifestando-se vulgarmente na ideia de que estes são incapazes de realizar certas tarefas, de aprender e de se desenvolver (Berger e Mailloux-Poirier, 1995). Assim, em razão de tais valores sociais impedem a participação do idoso em vários cenários da sociedade (Elsner, Pavan & Guedes, 2007).

Os idosos são assim destacados como um grupo particularmente vulnerável e, de acordo com Ramos (2005), são diariamente confrontados com várias perdas, tanto ao nível profissional como de saúde, sendo objetos de atitudes e comportamentos preconceituosos, assim como políticas e práticas institucionais desadequadas, que impulsionam crenças erradas e estereótipos sobre os mesmos e o próprio envelhecimento.

Torna-se deste modo importante perceber a diversidade existente entre idosos, precisamente na tentativa de contrariar estas ideias preconcebidas e a tendência para a estereotipia. Ainda assim, embora as conceções dadas à velhice façam parte de um constructo social e temporal, no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, rica em questões multifacetadas, os estereótipos continuam presentes (Schneider & Irigaray, 2008). Estes em algumas vezes encontram-se até bastante enraizados na nossa cultura, prolongando-se desta forma a toda a sociedade, umas vezes por meio de preconceitos, outras vezes através de atitudes discriminatórias (Berger & Mailloux-Poirier, 1995).

O preconceito é referido por Monteiro e Santos (1999) como formado previamente e sem uma base séria, apoiando-se na Psicologia Social referem ainda que este é uma atitude impulsionada através de ideias preconcebidas e pré-julgamentos, contribuindo deste modo para o associar de ideias negativas ou positivas a determinados objetos, pessoas ou grupos sociais.

Segundo Berger e Mailloux-Poirier (1995), as atitudes da sociedade face à velhice e aos idosos são essencialmente negativas, completas de representações sociais gerontofóbicas e, ao isto ser visível, contribui também para a imagem que eles têm de si próprios, bem como as condições que abrangem todo o envelhecimento, através da perturbação que ocasionam, pois negam o seu próprio processo de desenvolvimento.

As atitudes são componentes fundamentais nas relações sociais pois, refletem-se na vida em sociedade, sendo desta forma alvo de diversas pesquisas. Monteiro e Santos (1999) descrevem o conceito de atitude como sendo um estado, uma tendência que leva o indivíduo a responder e a reagir de determinado modo, de forma positiva ou negativa. Referem ainda que estas são adquiridas através do desenvolvimento humano em sociedade e influenciadas pela cultura, pela comunidade, pela família e por fatores intrínsecos ao próprio indivíduo.

A sociedade tomou um novo rumo e a exagerada valorização da juventude, da vitalidade e da aparência física, contribui igualmente para encarar a velhice como estando associada à invalidez, fragilidade física e à morte, gerando, estereótipos e imagens negativas o que leva muitas das vezes ao isolamento e à própria invisibilidade do idoso (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Elsner, Pavan & Guedes, 2007; Giddens, 2007; Hummert, 1990; Lopes & Park, 2007).

Assim, foi a partir dos finais dos anos 90, que surgiu o paradigma do Envelhecimento Ativo, adotado pela ONU, de maneira a compensar estas imagens negativas, visando deste modo a possibilidade contínua de saúde física, social e mental (Filho, Koch, Bisinelli, Moysés, Moysés & França, 2007; Jacob, 2007). Em outras palavras, procurou transmitir uma mensagem mais abrangente do que a designação de “envelhecimento saudável”, reconhecendo deste modo que para além dos cuidados a ter com a saúde, existem outros fatores a considerar que afetam o envelhecer dos indivíduos e da sociedade em geral (Jacob, 2007). Impõe deste modo, uma abordagem multidimensional e estabelece um desafio para toda a sociedade, envolvendo a responsabilização e a participação de todos, no combate à exclusão social e à discriminação, assim como, na promoção da igualdade entre género e da solidariedade entre as gerações.

Neste sentido, o próximo ponto, incide sobre as várias investigações efetuadas ao nível das imagens e estereótipos do idoso e do envelhecimento, procurando assim, evidenciar quais as atitudes da sociedade perante este fenómeno do envelhecimento.

## 1.5. Estudos sobre as imagens do idoso e da velhice

As investigações científicas sobre as imagens e estereótipos dos idosos, efetuadas particularmente desde o final da primeira metade do século XX, divulgaram que durante várias décadas existiu o predomínio de uma imagem negativa sobre o envelhecimento e as pessoas idosas, tendência esta, que foi contestada por diversos autores (Lehr, 1977/1980; Palmore, 1988; Laforest, 1989/1991; Moragas, 1995; Belsky, 1999/2001; Motte e Tortosa, 2002 cit in Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010).

Também Tukman e Lorge (1952, cit in Kite & Wagner, 2002) referem que os primeiros estudos indicavam que as imagens da velhice e do envelhecimento eram, principalmente, negativas, sendo os idosos encarados como *conservadores, descuidados, pobres e deprimidos*, sendo estes, aspetos partilhados por todos os grupos sociais. Indicavam ainda que quanto mais novos fossem os indivíduos, mais atitudes negativas teriam em relação aos idosos (Lorge, 1953 cit in Nunes, 2009; Lutsky, 1980 cit in Sousa & Cerqueira, 2005; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Porém, pesquisas posteriores não confirmam essa ideia, nuns casos não existem diferenças etárias (Bailey, 1991; Harris, Page e Begay, 1988 cit in Sousa & Cerqueira, 2005), noutros indicam que os idosos têm imagens mais favoráveis da velhice do que os jovens (Jackson e Sullinvan, 1988 cit in Sousa & Cerqueira, 2005), e ainda em outros, os idosos são mais negativos.

Segundo Oliveira (2008), uma outra imagem que se associa aos idosos é que eles gastam e não produzem e, referente a isto, o autor argumenta que se estes não produzem mais, é porque não se lhes tem dado uma oportunidade adequada. Expõe ainda a necessidade que existe em se usufruir dos reformados solicitando-os para tarefas onde se sintam competentes e proveitosos, como por exemplo, animar as crianças nos jardins de infância, tomar conta delas em casas particulares, fazer encontros com jovens para troca de experiências, os idosos mais novos animarem os mais velhos, visitarem os doentes e muitas outras atividades que os façam melhorar a sua autoestima.

Em estudos recentes, os dados revelam uma diminuição da distância na avaliação de grupos de idosos com jovens (Kite e Jonhson, 1988 cit in Sousa & Cerqueira, 2005). As pesquisas apontam para imagens multidimensionais em relação às pessoas idosas, sendo elas positivas, negativas e até neutras, havendo deste modo uma inconsistência e variabilidade nos resultados (Hummert, 1990; Sousa & Cerqueira, 2005; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Estes fundamentos vêm assim comprovar a heterogeneidade e complexidade dos estereótipos e das conceções relacionadas com o envelhecimento, falando-se assim de um carácter multidimensional do envelhecimento (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008).

Com o desenvolver dos tempos, várias modificações têm sido postas em evidência na sociedade e, muitos são os investigadores que se preocupam em estudar a velhice, quer a

nível nacional quer a nível internacional, uma vez que esta tem sido encarada de várias formas consoante a época.

### 1.5.1. Estudos Internacionais

A *nível internacional*, salientam-se pesquisas efetuadas junto de crianças, em que o idoso para estas, era associado a doenças, a limitações, a fragilidade e a morte, ou ainda relacionado com rugas e cabelo grisalho, perda de audição, peso e de capacidades físicas (Lopes & Park, 2007). Contudo, estes estudos também contemplaram imagens positivas, associando o envelhecimento a beleza, pessoas ativas e à heterogeneidade de idosos (Lopes & Park, 2007). Já no que diz respeito a estudos com jovens, as conceções sobre o idoso e o envelhecimento são relacionadas a fragilidade e dependência. Os jovens, em vários estudos, tendem a ver o idoso e o envelhecimento como aspetos negativos (Cathalifaud, Thumala, Urquiza & Ojeda, 2007).

Lopes e Park (2007), partindo da perspetiva de Moscovici, analisam as representações sociais de dois grupos de crianças sobre os idosos e o envelhecimento utilizando a metodologia dos desenhos, a entrevista semiestruturada e uma brincadeira alusiva à temática. Neste estudo participaram 31 crianças divididas por dois grupos, onde um já mantinha o contacto intergeracional há dois e três anos. Os resultados sugerem uma representação social diversificada acerca do velho sendo as características nomeadas decompostos em cinco categorias gerais, refletindo-se nas “*rugos e cabelos brancos*”; no “*adoecer e morrer*”; “*num monte de lugar*”; o “*fazer um monte de coisas*” e o “*ser tudo diferente*”. Os dados obtidos refletem ainda que para as crianças o envelhecimento associa-se também à passagem do tempo. Referem ainda, que para as crianças está visível que é “*preciso crescer, cumprir os deveres sociais (estudar, trabalhar, casar), procriar e ver os filhos crescerem, só aí então a velhice terá chegado*” (Lopes e Park, 2007, p. 146).

Marín, Troyano e Vallejo (2001 cit in Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010), com base em várias investigações efetuadas acerca de como a sociedade percebia a velhice, constataram que a década de 50 é marcada por uma perceção que evidencia a decadência e o deterioro, sendo-lhe atribuída a responsabilidade pela perda de capacidades físicas e mentais, pelo isolamento e irresponsabilidade; no início dos anos 70 mantém-se a imagem negativa, onde os idosos são percebidos como passivos e intolerantes; a partir da década de 90, surgem mais investigações, como por exemplo as realizadas pelo Centro de Investigações da Realidade Social [CIRES] que apontam para uma modificação significativa dos conceitos atribuídos aos idosos, havendo uma maior visibilidade dos traços positivos, sendo percebidos como sábios, serenos e inteligentes.

Lehr (1977/1980 cit in Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010) consultou diversificados estudos, europeus e norte-americanos entre 1950 e 1964, sobre a imagem das pessoas idosas e concluiu que a imagem assinala-se essencialmente com uma conotação

negativa, fazendo ressaltar estereótipos e generalizações; e que é principalmente entre o jovens que esta imagem se salienta mais negativamente. Verificou ainda que com o aumento da idade da pessoa, aumenta também a percepção mais positiva acerca da imagem das pessoas idosas.

Rodriguez e Postigo (2004 cit in Magalhães, 2010) efetuaram um estudo sobre os estereótipos juvenis acerca do envelhecimento com 530 jovens universitários que revelou não existir um predomínio de estereótipos negativos, mas sim uma tendência para uma imagem mais positiva acerca dos idosos, por parte dos jovens, verificando-se que os estereótipos positivos eram os mais compartilhados.

Também num estudo efetuado por Kennedy (1992 cit in António, 2010), a 391 jovens universitários, referente à qualidade das suas relações com os avós, os resultados obtidos associam-se a relações muito bem sucedidas entre netos e avós. Os jovens apontam como qualidades dos seus avós, o elevado grau de proximidade, a forte percepção de que os avós os conhecem muito bem e eles conhecem os seus avós, a percepção de que os avós são uma influência muito importante nas suas vidas e que existe uma relação muito direta apoiada pelos pais.

Dias e Silva (2003), identicamente, num estudo com universitários, procuraram evidenciar a perspetiva destes sobre os seus avós. Os resultados apontam para uma grande importância para com eles, atribuindo-lhes imagens de respeito, sabedoria e experiência. Também num estudo realizado por Robertson (1976 cit in António, 2004), com 86 jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 18 e os 26 anos, verificou que os inquiridos tinham para com os avós atitudes muito favoráveis. Os resultados obtidos enfatizam duas ideias: que os netos não veem os avós como antiquados e estes são uma importante fonte de influência mantendo deste modo um contacto; e que os netos sentem que têm responsabilidades para com os avós de apoio emocional. Assim sendo, espera-se aqui, que os avós, a seguir aos pais, sejam os principais agentes socializadores das crianças, dando assim um grande contributo no quotidiano das famílias (Dias & Silva, 2003). Num estudo de Matthews e Sprey (1985 cit in António, 2004), foram questionados 132 adolescentes, sobre as suas relações com cada um dos avós. Os autores verificaram que as relações estabelecidas entre estes elementos eram influenciadas pela proximidade física e pela relação que os próprios pais estabeleciam com os seus progenitores.

Brewer e colaboradores (1981) consideram que a velhice é representada em três grupos de imagens: 1) a de uma pessoa cuidadora, desperta para a figura de avós, calma, serena, amiga e confiável; 2) a figura do velho com status, que se expõe como competitivo, inteligente, agressivo e intolerante e 3) a imagem do idoso como alguém frágil, só, e preocupado. Para Schmidt e Boland (1986) as imagens dos idosos dividem-se em duas polaridades, sendo uma positiva abrangendo o patriarca/matriarca liberal, a imagem do avô perfeito, de conservador e de sabedoria. E as imagens negativas são de pessimismo, vulnerabilidade, incapacidade moderada, incapacidade severa, miséria, reclusão, algazarra e

vagabundagem. Na mesma linha destes autores, também Hummert e colaboradores (1994) identificaram diferentes conotações associadas à velhice, algumas positivas como patriarca/matriarca liberal, avô perfeito, idade dourada e outras negativas como a incapacidade severa, miséria, inflexibilidade ou desânimo.

Como vemos existem diversas concepções negativas do envelhecimento detetadas por alguns autores, em que associam os idosos como equivalentes a doença, solidão, etc. (Araújo, Coutinho & Carvalho, 2005), contudo outros detetam conotações contrárias. Molina (1998 cit in Oliveira, 2008), na sua pesquisa junto de adolescentes e adultos verificou que os adjetivos associados aos idosos detinham uma visão positiva, apurando assim que esta atitude tende a crescer com a idade, ou seja, neste caso os adultos tinham percepções mais positivas que os jovens em relação aos idosos. Também Eklund e Siffin (2000 cit in Oliveira, 2008) comprovaram que as crianças modificavam a sua postura para melhor, depois de terem sido sujeitas a um programa intergeracional com idosos.

### 1.5.2. Estudos Nacionais

Ao nível dos *estudos nacionais*, encontram-se vários efetuados com crianças, jovens e adultos. Nomeadamente um estudo acerca dos estereótipos em relação às pessoas idosas, realizado por Simões (1985), com jovens adultos e adultos, os resultados indicaram que o ser idoso refletia uma experiência de vida, incapacidade para ter um emprego, sendo a idade equiparada ao “inverno da vida”, interessam-se pelo passado e cansam-se muito. O idoso surge também descrito como prudente e cauteloso. Quanto à conotação de idoso doente, existe pouca referência, surgindo mais como pouco saudável.

Sousa e Cerqueira (2005) analisaram em Portugal, as imagens da velhice em 120 indivíduos de diferentes idades, distribuídos por quatro grupos etários, jovens (15 a 25 anos); adultos (35 a 45 anos); idosos jovens (55 a 65) e muito idosos (76 a 85 anos). Foi pedido aos respondentes que completassem frases sobre o que é uma pessoa velha, o que é a velhice e quando é que sabemos que uma pessoa está velha. As respostas dos participantes foram referentes a, incapacidade e dependência, fase normal da vida, desânimo e vulnerabilidade, sabedoria, doença, aspeto físico, aborrecido e antiquado, estado de espírito, estorvo e abandono, viver no passado, momento para aproveitar a vida. As autoras apontam que as imagens da velhice caracterizam-se pelo seu carácter multidimensional e pelo seu conteúdo multifacetado (positivo, neutro e negativo), indicam ainda que os participantes no seu conjunto sabem quando alguém está velho, incapacitado e dependente, se fica desanimado e vulnerável, se tem um aspeto físico correspondente e se está a viver mais uma fase da vida.

Mais tarde, as mesmas autoras, Sousa & Cerqueira, 2006 realizaram outro estudo, onde para além de procurarem esclarecer as imagens da velhice em diferentes grupos etários, procuraram também analisar qual a influência do sexo dos respondentes e do sexo das pessoas mencionadas nessas imagens. Este estudo foi realizado junto de 100 indivíduos

divididos em três grupos etários, adolescentes e jovens adultos (13 a 34 anos); adultos (36 a 59 anos); jovens idosos e idosos (60 e mais anos). Neste estudo foi pedido aos inquiridos que completassem frases sobre o que é uma pessoa velha, o que é a velhice, o que é um homem velho, o que é uma mulher velha e quando é que sabemos que alguém está velho. Os resultados foram decompostos em quatro categorias: a incapacidade e dependência; fase da vida; desânimo e vulnerabilidade; e maturidade. Em termos gerais estes resultados vêm reforçar o estudo anterior (Sousa & Cerqueira, 2005) que ressalta o caráter multidimensional e multifacetado, assim como a tendência para as imagens da velhice negativas. Esta tendência reforça-se por em ambos os estudos estar patente a caracterização da velhice como incapacidade e a dependência, desânimo e a vulnerabilidade.

Vaz (2008) procurou, primeiramente numa lógica exploratória, com 24 mulheres e 13 homens, da região norte e com idades entre 25 e 68 anos, conhecer as perspetivas sobre o próprio processo de envelhecimento. Ou seja, sobre o modo como gostariam de viver a sua velhice e intervir em práticas quotidianas que os façam antever a preparação da velhice. Os resultados apontam para uma noção de velhice que varia consoante o grupo etário e as características da sua vida atual. Para os adultos jovens, com idades até aos 45 anos, a velhice é associada a decadência e falta de vivacidade. Para os mais velhos, com 50 e mais anos, a velhice contribui para doenças, sendo a própria velhice associada a maior longevidade. Através dos resultados obtidos, a autora decidiu entrevistar pessoas com idades superiores a 50 anos, de modo a obter uma clarificação do conceito de velhice.

Carlos Magalhães (2010) investigou os estereótipos acerca das pessoas idosas em estudantes do ensino superior, no distrito de Bragança. A amostra para este estudo foi de 375 indivíduos, onde os resultados indicaram que existe um predomínio de estereótipos positivos sobre os idosos, indo assim ao encontro dos objetivos preconizados pelo Plano de Ação Internacional apresentado em 2002 na II Assembleia Mundial para o Envelhecimento.

Em suma, podemos apurar que as imagens acerca da velhice têm feito surgir diversas conceções, tanto em estudos internacionais como nacionais. Por um lado observam-se conotações negativas que atravessam séculos, associando a velhice a sofrimento, debilidade e morte, onde é de referir que atualmente, mesmo com tantos recursos para prevenir doenças e retardá-la, esta é ainda temida por muitos e vista como uma etapa detestável (Schneider & Irigaray, 2008). Neste âmbito Giddens (2007), refere também, que a velhice só por si não pode ser assumida como doença ou incapacidade, embora que, com o avançar da idade os problemas de saúde tendam a aumentar. Por outro lado, existem imagens positivas sobre o envelhecer, que se associam a sabedoria, experiência, entre outros (Lopes & Park, 2007; Sousa & Cerqueira, 2005; Viegas & Gomes, 2007). Verificou-se ainda que as imagens e representações sobre a velhice alteraram-se com o passar dos tempos e que a tendência atual por parte dos jovens é de uma imagem mais positiva acerca da velhice (Molina, 1998; Eklund e Siffin, 2000; Rodriguez & Postigo, 2004 cit in Magalhães, 2010; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008).

## 2. Intergeracionalidade e Imagens do Envelhecimento

### 2.1. Gerações e Relações Intergeracionais

O homem atravessa diversas fases de desenvolvimento na sua vida - infância, juventude, idade adulta e velhice - e são estas que contribuem para o enriquecer e para o fortalecimento da cultura humana, reforçando e institucionalizando deste modo os diferentes papéis sociais. Nestas diferentes fases, o homem desempenha inúmeros papéis que o fazem crescer e melhorar nas suas relações de desenvolvimento pessoal e com os outros, amplificando assim, o seu papel como recetor, produtor e transmissor de herança cultural e social. Com isto, transfere-se então de geração em geração, os conhecimentos e valores que foram adquiridos ao longo de uma vida, trocando-se interações sobre as experiências e conquistas vivenciadas (Ferrigno, 2009).

Em 1984, Peacock e Talley perspetivaram as relações intergeracionais como uma forma de interação delimitada por grupos de pessoas com idades e contextos distintos e ainda em diferentes fases da vida. Este tipo de relação implica a comunicação íntima entre os intervenientes, a partilha de ideias, sentimentos e uma cooperação em tarefas importantes para todos os envolvidos. Ou seja, as relações intergeracionais podem ser entendidas como laços que se constituem entre duas ou mais pessoas com idades e estádios de desenvolvimento distintos, permitindo o cruzamento e troca de experiências (Peacock & Talley, 1984). Também para Neri (2005 cit in Sena, 2011) utiliza-se este termo das relações intergeracionais, para se referirem as relações que ocorrem entre indivíduos de diferentes grupos etários, não se limitando apenas ao contexto familiar, mas a todo o meio social.

Ao longo dos tempos os indivíduos foram sendo categorizados socialmente, dependendo do grupo social ou da geração de pertença, influenciando a obtenção de determinados pensamentos e comportamentos. Verifica-se, deste modo, que as relações entre as diversas faixas etárias não são necessariamente regulares do ponto de vista da autoridade, respeito e iniciativa (Ferrigno, 2009).

Geralmente os mais idosos exercem a sua autoridade sobre os mais jovens, que procuram desta forma um maior conhecimento sobre as vivências e experiências de vida. É com o processo de socialização e integração entre jovens, adultos e idosos, que várias atitudes e papéis sociais são tomados e aprendidos. Este intercâmbio cultural entre gerações modifica-se ao longo dos tempos na sociedade, contudo, só a convivência intergeracional não garante comportamentos de respeito entre as diferentes pessoas de distintas idades (Ferrigno, 2009).

De acordo com Villar (2007, cit in Sánchez, 2007), as relações intergeracionais, implicam crescentes interações ao longo do tempo, onde ambos os intervenientes querem chegar a metas comuns. Mas outras opiniões são apontadas referentemente a este conceito,

em que não basta estar juntos para se criar uma boa relação, é preciso fazer e partilhar juntamente experiências e práticas comuns. As relações intergeracionais são todas aquelas que existem entre diversos elementos de várias gerações, baseadas no consenso, na cooperação e/ou até no conflito (Sánchez, 2007). Mas o que caracteriza uma solidariedade intergeracional é a ajuda, o apoio prestado e a cooperação, pois só assim contribuiremos para uma *sociedade para todas as idades*.

Considerando as relações intergeracionais como um modelo de exercício de cidadania, verifica-se que estas mesmas têm vindo a dar provas da sua relevância, comprovando que o relacionamento entre gerações irá sempre comprometer indiretamente todos os elementos da sociedade. A aproximação entre as distintas gerações comporta o fator cronológico, os estilos de vida, os valores, a memória, entre outros aspetos. Salienta-se neste contexto que ambas as gerações possuem conhecimentos e experiências diversificadas, dando origem a uma história comum uma vez que ambos ensinam e aprendem. O modo como cada geração se entrega nesta relação vai permitir a existência de um crescimento físico, social e emocional recíproco, o que leva a um desenvolvimento gradual no relacionamento e conhecimento pelas várias gerações envolventes (Oliveira, 2011).

Com efeito, cada geração representa assim uma determinada época na história, é formada por pessoas que sofreram uma influência educativa, política ou cultural, ou que viveram e foram afetadas pelos mesmos eventos, têm ainda uma base de experiência comum ou semelhante. Cada geração vai deixando marcas da cultura material e simbólica nas diferentes gerações seguintes, consolidando desta forma a importância destas existirem e da partilha e renovação mútua de conhecimentos (Ferrigno, 2006). O encontro intergeracional pode assim ser positivo e saudável, trazendo o enriquecimento recíproco, mas também pode estabelecer tristezas se este for conflituoso. Isto acontece devido às imensas desigualdades sociais e comportamentais impostas pela cultura, além da questão da idade. É neste sentido que o homem necessita de aprender a conviver com pessoas de diversas crenças, etnias, géneros e idades, assim como, com diferenças de ordem económica, política e cultural. Como foi referido anteriormente, as transformações do mundo contemporâneo conduziram a profundas consequências no modo de vida das famílias modernas, tornando-se menos numerosas e mais complexas devido às necessidades de adaptação, advindas das diferentes realidades sociais e económicas da atualidade (António, 2010; Neri, 2001 cit in Wachelke, et al., 2008; Ramos, 2005).

Jacob (2007) aponta para o facto de, em certos casos, o conceito de relações intergeracionais se reportar unicamente às relações entre jovens e idosos, porém, também sinaliza a existência de outras relações intergeracionais, com outros intervenientes, na sociedade. Aponta assim como exemplos, a coexistência de várias gerações a trabalhar numa fábrica ou a habitar uma casa e ainda a convivência de quatro gerações entre utentes de um lar. Também segundo Harper (2006) e neste sentido refere, que os indivíduos têm, atualmente, mais relações intergeracionais que anteriormente, estando deste modo mais

visível no contato familiar, estas ligações verticais baseadas no número de gerações, do que as ligações horizontais fundamentadas pelo número de irmãos.

Atendendo à influência que estas relações intergeracionais possuem para com o amenizar de estereótipos e imagens negativas sobre os idosos, Abrams e colaboradores (2008), vêm defender que na realidade estas relações reduzem a ameaça de estereótipos, modificando atitudes e comportamentos intergeracionais. Os autores consideram que estas podem afetar o desempenho tanto ao nível da ansiedade como de efeitos associados ao aumento da carga negativa e à falta de recursos atenciosos.

Mas nem tudo corre sempre da mesma maneira e nem sempre as imagens do envelhecimento são positivas. Neste sentido, o envelhecimento tem-se tornado um verdadeiro desafio pois o próprio estatuto do idoso sofreu alterações (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008). Com todas as transformações, as sociedades necessitam de desenvolvimentos urgentes e graduais ao nível de mecanismos, estratégias e políticas, para se estabelecerem experiências positivas do envelhecimento para todos. Estas práticas só serão positivas se moldadas através da solidariedade que se cria entre os indivíduos, sendo eles ricos ou pobres, pertencentes ao norte ou ao sul, a setores privados ou a públicos, mas nomeadamente entre os jovens e os idosos (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008). As relações intergeracionais devem assim ser estimuladas de maneira a que as interações sejam ampliadas, os relacionamentos sejam fortes e a solidariedade seja mútua assim como os ensinamentos.

## **2.2. Intergeracionalidade, Educação e Cidadania**

A construção social baseada na intergeracionalidade adquire-se através do estabelecimento de valores éticos, comportamentais e educacionais em cada uma das gerações e em diferentes etapas da história. Com o deflagrar da modernidade e dos novos indícios nas relações, estabeleceu-se por sua vez novos comportamentos nas gerações, num movimento de construção e reconstrução das mesmas (Ferrigno, 2006).

Como foi descrito, em 2007, a ONU definiu a Solidariedade Intergeracional como a existência de coesão social, estimulando deste modo a troca de conhecimentos e sabedoria cultural através da interdependência geracional, designadamente nas interações entre jovens e adultos ou idosos. As práticas intergeracionais são assim uma ajuda mas não total, para a resolução de determinados problemas que criam conflito, exclusão e desigualdade entre gerações. Esta solidariedade é edificada através de acordos políticos e administrativos, mas abrange também o apoio familiar e social, tendo como objetivo a procura por um mundo melhor, onde as pessoas de distintas gerações podem viver e partilhar a vida, juntas e em harmonia (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008).

Como se tem averiguado, as sociedades atuais, têm contribuído para a desqualificação do envelhecer, ocorrendo uma supervalorização das primeiras etapas da vida (Lopes & Park, 2007; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). No entanto, a sociedade contemporânea, ao

desclassificar conhecimentos passados e valorizar essencialmente o novo tem contribuído para o esquecimento das suas raízes e da sua história. Neste sentido, a coeducação entre as diferentes gerações, pode tornar uma pessoa mais humana e mais tolerante ao longo da vida, melhorando assim a qualidade de vida de todos em sociedade (Ferrigno, 2006). Também diferentes autores sensibilizam a comunidade para a valorização das trocas de experiências entre gerações, engrandecendo desta forma o seu protagonismo social e o debate a respeito de um reeducar entre gerações de forma a obter-se um envelhecimento saudável (Ferrigno, 2009). Esta educação intergeracional contribui para a cidadania, respeito mútuo, transmissão e aquisição de conhecimentos e a valorização da história de vida (Sena, 2011). Sendo este fenómeno encarado como uma estratégia educativa, favorece a postura frente a outras gerações, imagens mais realistas e positivas do outro, combate ao preconceito etário e criação de condições mais favoráveis para uma sociedade mais justa, tolerante, democrática e solidária (Ferrigno, 2006; Sena, 2011).

Tal como refere Ferrigno (2006), ao falarmos de uma coeducação, estamos a descrever uma partilha de conhecimentos informais no meio familiar, escolar, de rua, etc., entre pessoas semelhantes e diferentes, no que diz respeito à idade, sexo, religião, etnia ou classe social. Desta forma, diversas investigações sobre a educação intergeracional reconhecem a validade sociopedagógica desta dimensão. Sabe-se portanto, que embora a família seja, por excelência, um espaço intergeracional e de base educativa, deve assegurar a sua missão instrutiva num contexto que atravessa atualmente profundas modificações e, tal como Carneiro (2004) define, ela é a impulsionadora fundamental de uma “*economia moral*” em qualquer sociedade. No entanto, a escola, assume também um papel fundamental, sendo um fator decisivo para a renovação de ideias já preconcebidas, ligadas a crenças e preconceitos que qualificam as sociedades como incapazes de conviver e aprender com o outro (Palmeirão & Menezes, 2009; Sena, 2011).

Tendo em conta o que presenciamos do quotidiano, poderíamos pensar que os laços familiares têm vindo a tornar-se cada vez mais fracos na sociedade. Mas, uma realidade contrária é apontada através de variados estudos, nomeadamente que estes laços estão hoje mais valorizados devido a uma maior convivência, que se estabelece entre as gerações (Carneiro, 2004), uma vez que, atualmente, as famílias estão mais propensas para abranger várias gerações (António, 2010; Carneiro, 2004; Ramos, 2005).

Os idosos, nas suas relações intergeracionais, especificamente na relação avós e netos, têm adquirido novas identidades, papéis sociais e interações, o que revela desta forma, um novo sentido nas suas vidas, de pais e educadores, assistindo-se a uma ideia de continuidade (Ramos, 2005). Mas, nem tudo corre sempre bem e, Bourdieu (1983 cit in Coutrim, Boroto, Vieira & Maia, 2007) aborda os conflitos familiares, nomeadamente os conflitos geracionais. Segundo o autor, estes surgem através das oposições de ideias advindas dos diferentes grupos etários, pois irão sempre existir aspetos que podem ser relevantes para uns e para outros não. Estes conflitos decorrem então da banalização e desvalorização por parte dos jovens de bens

que exigiram por parte das gerações mais envelhecidas sacrifícios e ambições para serem conquistados. Pode-se assim incorrer num estado de fortalecimento das individualizações e, por conseguinte, num declínio social.

Advindo do processo de envelhecimento populacional e, conseqüentemente, de individualizações inerentes a uma sociedade globalizada, podem ainda surgir formas de segregação etária. Este distanciamento entre as gerações já é notório desde o aparecimento da escolarização das crianças (século XVIII), da aposentadoria/reformas e da velhice (século XX), o que contribuiu para a categorização por grupos etários e redefinição de espaços sociais, ou seja, assistimos à separação por faixas etárias (crianças, adolescentes, adultos e idosos) e por áreas reservadas para estes (infantários, escolas, lares, ...) (Carvalho, 2006; Ferrigno, 2006; Maltempo, 2006). É neste sentido e, de forma a contrariar este afastamento, que os relacionamentos intergeracionais, que anteriormente ocorriam na família de forma natural, visam agora o crescimento de uma *“sociedade para todas as idades”* (ONU, 2003). Esta construção é da responsabilidade de todos e simplesmente será praticável se existir uma solidariedade e um bom relacionamento intergeracional. Deve-se assim entender que a educação intergeracional é uma base fundamental para o encontro e a troca de ideias e valores, entendendo que apesar das características temporais e sociais das várias gerações, assim como, da diversidade existente de valores, costumes, atitudes, todos podem contribuir para o bem da humanidade (Palmeirão & Menezes, 2009).

Assim, a educação ao longo da vida, surge como um elemento fundamental nas sociedades contemporâneas, uma vez que se assiste a um desenvolvimento total do indivíduo. No entanto, para isto ocorrer, é necessário construir um bom relacionamento intergeracional, assim como, um todo entendimento social, apoiado em saberes e valores, geradores de um novo conhecimento, atitudes e competências relacionais. É nesta medida, que as trocas intergeracionais e o aprender com a experiência dos outros, pode revelar-se uma estratégia imprescindível para a participação de todos no meio social. Verifica-se então, que todas as transformações sociais e opções educativas suscitam oportunidades, geram conhecimentos e laços, edificando deste modo, uma sociedade para todas as idades (Palmeirão & Menezes, 2009).

Tal como refere Giddens (1999) é indispensável que se constitua uma aliança entre as diferentes gerações para que, em conjunto, contribuam para o melhorar da sociedade. Neste sentido, Giddens (1999, p.109) formula a questão, *“serão estes objetivos realistas numa sociedade que perdeu a deferência, onde a idade já não parece trazer consigo a sabedoria?”* Este autor indica-nos desta forma que existem diversos fatores a apontar para essa possibilidade, mas uma vez que os idosos estão socialmente mais invisíveis podem unir-se aos jovens na realização de um maior envolvimento no trabalho e na comunidade (Giddens, 1999). Assim, Ferrigno (2006) refere que os idosos podem transmitir aos jovens a sabedoria e valores culturais, conhecimentos e habilidades úteis ao dia a dia, e ainda, uma educação para o envelhecimento. Em compensação os jovens ensinam aos idosos uma educação direcionada

para as novas tecnologias e os tempos modernos, transmitindo também valores e conhecimentos atuais.

### **2.2.1. Intergeracionalidade no Ensino Superior e Imagens do Envelhecimento**

O envelhecimento populacional e todas as representações que acarreta, assinala que é necessário intervir e reinventar convívios, criar espaços formais e não formais de educação intergeracional, onde o saber e a história de vida de cada um possam ser, valorizados, ressignificados, transmitidos e renovados. Segundo Giddens (1999, p.106) “*ser velho dura mais tempo do que antigamente*”, por isso, a educação intergeracional surge nas sociedades contemporâneas, como um desafio de grande importância (Palmeirão & Menezes, 2009). Para Todaro (2009 cit in Sena, 2011) a Escola, sendo uma instituição social tem um papel fundamental na inserção do tema da “*Velhice*” entre os conteúdos. Também no caso das Universidades, nomeadamente na formação de profissionais inseridos criticamente na sociedade, a autora Sena (2011), remete para a necessidade da inclusão de disciplinas referentes ao tema do envelhecimento, visando assim diminuir o preconceito e fomentar a inclusão social dos idosos.

Para a autora Maltempi (2006), um bom momento para se pensar na questão do envelhecimento é na juventude. Pois é nesta fase que pode haver uma maior predisposição da consciência acerca da condição humana, podendo-se assim viver melhor a fase madura se antecipadamente existir uma preparação de conhecimento e comportamento. A autora refere ainda, que a atitude que a pessoa tem perante a passagem do tempo é pessoal, daí que o indivíduo deve compreender as novas capacidades e oportunidades que lhe vão aparecendo, pois é nestas que construímos os nossos próprios objetivos. Outro parecer da autora reflete a valorização fundamental nas trocas entre gerações de maneira a estimular e fortalecer os relacionamentos sociais e afetivos. Também Simões (1985) destaca que o aumento das imagens e estereótipos referentes aos idosos assim como a sua participação em sociedade estão relacionados, uma vez que ambos se influenciam. Refere ainda o facto de que o idoso participar na sociedade, numa lógica de proveito intergeracional - jovens e idosos - é uma mais valia para a troca de conhecimentos e aprendizagens. Para o autor este tipo de aprendizagem comum é mais fácil do que parece e poderá trazer vantagens mútuas.

No âmbito do programa “*Association for Gerontology in Higher Education*”, os investigadores Dorfman, Murty, Ingram, Evans e Power (2004 cit in Palmeirão & Menezes, 2009) verificaram e referem, que a educação intergeracional, em qualquer que seja o nível escolar, modifica atitudes. Esta afirmação foi testada em vários estudos, nomeadamente num desenvolvido na Universidade de Iowa, num curso de formação intergeracional, com 50 estudantes universitários. Desta avaliação, ressaltou a noção perfeita de que a maioria dos estudantes aumentou significativamente o conhecimento e a compreensão, acerca das

peças idosas (Roodin, 2000, cit in Palmeirão & Menezes, 2009). Também Gázquez, Pérez-Fuentes, Fernández, González, Ruiz e Díaz (2009) referem que a formação e a educação intergeracional contribuem para a mudança de atitudes, crenças e estereótipos, e nomeadamente a formação com base gerontológica é relevante para evitar crenças erróneas face aos idosos.

Verifica-se também que a aprendizagem intergeracional pode incluir a participação dos estudantes em iniciativas humanitárias, com pessoas de diferentes idades (Jacoby, 1996 cit in Palmeirão & Menezes, 2009). Neste sentido, universidades e faculdades são chamadas a intervir, assumindo atitudes de liderança em áreas relacionadas com a sociedade e as necessidades do desenvolvimento humano, nomeadamente, em cursos de formação de professores, na supervisão pedagógica e em cursos de ciências sociais, criando-se assim, novas oportunidades e inserindo-se aprendizagens intergeracionais nos planos curriculares (Palmeirão & Menezes, 2009), nomeadamente em cursos de formação de professores, na supervisão pedagógica, e cursos de ciências sociais.

Os projetos de aprendizagem intergeracional estão agregados a projetos de aprendizagem ao longo da vida, funcionando através do “Memorandum da Aprendizagem ao Longo da Vida” da Comissão Europeia, que implica uma aprendizagem contínua, atendendo a uma transição da escola para o ensino superior, o ensino formal e informal de adultos. Também associado a esta aprendizagem contínua estão outras agendas políticas com competências de utilização, desenvolvimento e inclusão na vida económica, social e cultural. Estas agendas políticas tiveram em conta o desenvolver das aprendizagens intergeracionais, adaptando a sua intervenção na política educacional, envolvendo também a ação Grundtvig, cofinanciada no âmbito do Programa Sócrates ou Programa Aprendizagem ao Longo da Vida, que salienta a importância da aprendizagem geracional, de maneira a aperfeiçoar os diversos conhecimentos e habilidades, facilitando deste modo o seu desenvolvimento pessoal. Dá assim prioridade ao “*ensino e à aprendizagem sénior, Intergeracional e familiar*” (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008).

Também em Portugal, no âmbito da intergeracionalidade e estudantes universitários, foi desenvolvido um programa comunitário, em 2005/2006, no Porto, da responsabilidade da Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto, Federação Académica do Porto e Câmara Municipal do Porto. Este projeto, visa hospedar estudantes universitários deslocados, em casas de pessoas ou famílias idosas, combatendo desta forma a solidão e promover o bem-estar destas pessoas (Palmeirão & Menezes, 2009). Também neste ano letivo, 2011/2012, está a ser realizada a 7ª edição deste programa, denominado de Aconchego, “Casa para quem estuda, companhia para quem precisa”. Este tipo de iniciativas vem assim contribuir para a troca de experiências entre as gerações, companhia para o idoso e redução das despesas de alojamento para o estudante.

### 2.3. Emergência da Intergeneracionalidade em Portugal

O envelhecimento demográfico tem originado diversas reflexões, quer por investigadores, quer por entidades governamentais. A nível Europeu, através da Organização das Nações Unidas [ONU], diversas medidas foram implementadas em cada país e seus governos. Assim, e de maneira a existir um reconhecimento e desenvolvimento em torno da temática do envelhecimento e da intergeracionalidade, vários momentos importantes foram criados: o *Plano de Ação Internacional Sobre o Envelhecimento*, para a modificação da imagem do idoso e da velhice, contribuindo para uma igualdade entre gerações; e o *Ano Internacional dos Idosos* para “*uma sociedade para todas as idades*” que estimulasse um clima de cooperação, respeito, solidariedade e interações entre as gerações (Comité de Direitos Económicos, Sociais e Culturais, 2002; Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010; ONU, 2003; Palmeirão & Menezes, 2009; Sánchez, 2007).

No fundo, todos os projetos e planos acerca do envelhecimento, desenvolvidos a pensar nos países da Europa, têm como objetivo ajudar os próprios países a edificarem uma sociedade intergeracional, assente na partilha entre gerações (ONU, 2005).

Atendendo a uma sociedade cada vez mais envelhecida, verifica-se que os recursos que no fundo são os promotores de crescimento e desenvolvimento encontram-se verdadeiramente mais escassos. Uma das medidas tomadas para evitar este cenário tem em conta a inclusão de todos na sociedade, rentabilizando deste modo, todas as habilidades e conhecimentos dos indivíduos para proveito comum. Foi neste sentido que se criou, a 1 de julho de 1994, pelos Ministérios da Saúde, do Emprego e da Segurança Social, um programa de inserção social - *Programa de Apoio Integrado a Idosos [PAII]*, caracterizado por desenvolver ações inovadoras, realizadas de acordo com a produção de projetos de desenvolvimento a nível central e local (Carvalho & Pinho, 2006). Assim, verifica-se que é fundamental a emergência da intergeracionalidade, uma vez que esta rentabilização é uma mais-valia para superar as dificuldades que tinham sido enumeradas pela Comissão Europeia de contribuir para uma sociedade de igualdades. A intergeracionalidade promove assim a comunicação e relacionamentos de diferentes elementos de várias gerações, existindo a troca e partilha de conhecimentos e experiências (Ferrigno, 2009).

Neste sentido, nomeadamente, em Portugal, embora tenham sido encontrados escassos estudos referentes à intergeracionalidade (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010), do que se conseguiu apurar, verifica-se que só no ano de 1969, se iniciou no nosso país, a discussão em Assembleia Nacional sobre os problemas da população idosa, o fenómeno do envelhecimento da população e a política de velhice (Gomes, 2000 cit in Martins, 2006).

Mais tarde, foram criados projetos e associações no âmbito das relações intergeracionais. A Associação VIDA - *Valorização Intergeneracional e Desenvolvimento Ativo* - preocupou-se com os projetos sociais, tendo como missão o progresso destes a nível nacional e europeu, em áreas de grande inovação social, como o aproximar dos idosos às tecnologias

(desde 1999), a Intergeneracionalidade (desde 2000) e o Empreendedorismo Sénior (desde 2007). Para o desenrolar deste trabalho, esta associação estabeleceu contactos e parcerias com distintas instituições portuguesas e com centenas de instituições em todos os estados da União Europeia e outros países (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010; Nunes, 2009).

No ano de 2004, esta associação tornou-se membro do Conselho de Administração da AGE - *Plataforma Europeia das Pessoas Idosas* - tendo como principal objetivo a defesa dos interesses da população idosa nas instituições da União Europeia.

No âmbito do Ano Internacional dos Idosos, várias foram as iniciativas e programas de carácter intergeracional que deflagraram em Portugal. Em 1999 foi também criado o Projeto TIO - *Terceira Idade Online* - que foi dedicado à população idosa e detinha como objetivos o reforçar da participação ativa dos idosos na sociedade de informação; promover a saúde e a qualidade de vida nos idosos e, por fim, fomentar o relacionamento e conhecimento intergeracional. Atualmente, o TIO é gerido pela Associação VIDA (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010; Nunes, 2009). Este projeto foi lançado pela empresa Byweb (Informática e Formação), que desenvolveu também outros projetos como o Net@vó e o Viver, ambos dirigidos às relações intergeracionais de maneira a estimular a solidariedade e a aprendizagem entre gerações.

Em Portugal, entre o ano de 2001 e 2004, foi desenvolvida uma outra iniciativa de acordo com o Projeto Viver - *Developing Creative Intergenerational Relations* - alargando-se a vários países europeus. O objetivo deste projeto foi de criar a nível europeu, uma Rede Europeia de idades e Territórios para a conciliação, sendo a intergeracionalidade vista como um meio propício ao reequilíbrio social. Atendendo à participação ativa que este projeto desempenhou, mereceu por parte dos peritos da Comissão Europeia a seleção para uma “*Boa Prática*” e a inclusão no Novo Modelo Europeu de Igualdade de Oportunidades (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010; Nunes, 2009).

Para os autores deste projeto, o tema da intergeracionalidade em contexto português, assenta em duas tendências, uma que promove o contacto entre filhos adultos e pais idosos e, a outra, que se reporta ao contacto entre netos e avós. Este tipo de tendências são frequentemente pensadas ao nível das relações de parentesco e dentro das instituições, causa esta que leva à invisibilidade deste tipo de projetos a nível social. Os autores referem ainda que para demonstrar este tipo de ações na sociedade é essencial ajustá-las às realidades e necessidades da comunidade onde se inserem, caminhando assim para além das paredes das instituições (Manual de Boas Práticas - Intergeneracionalidade, 2004 cit in Nunes, 2009 OUTRO).

O Projeto Viver foi a nível nacional, cofinanciado pela iniciativa *EQUAL*, que interligou cinco redes de trabalhos locais, desde empresas, escolas, autoridades locais, instituições de saúde e assistência social. Dividiu-se em dois momentos de execução, o primeiro foi de novembro de 2001 a março de 2002 referente ao diagnóstico do próprio projeto e o segundo,

em abril de 2002, que integrou outros parceiros para além dos fundadores, onde se desenvolveram atividades com o público final do Projeto, sendo eles, crianças, jovens, idosos e as respetivas famílias (Nunes, 2009). Este Projeto e atendendo aos seus fundamentos para a prática intergeracional, suportou-se em determinados princípios que visam o reforço destas práticas e relações.

Vários projetos foram então desenvolvidos ao longo do tempo e em 2009, entra em vigor um outro a nível europeu, designado por MATES - *Integração da Solidariedade Intergeracional* - cofinanciado pelo Programa Aprendizagem ao Longo da Vida da Comissão Europeia. Um dos principais objetivos foi produzir um Guia de Ideias para Planear e Implementar Projetos Intergeracionais, ficando disponível em 22 línguas europeias oficiais (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008).

Um outro projeto denominado de “Saltarico - Aprendizagens etnográficas de forma intergeracional” foi desenvolvido pelo Núcleo distrital da Guarda da Rede Europeia Anti-Pobreza [EAPN] no âmbito da temática da intergeracionalidade: Isolamento e Solidão. A duração deste projeto foi entre Abril de 2010 a Março de 2011, sendo financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito da sua preocupação pela promoção da intergeracionalidade. Teve assim como objetivo promover a aprendizagem intergeracional através de diversas atividades, com base na transmissão de saberes tradicionais, que contribuam para a solidariedade intergeracional.

No final, pensa-se que estes projetos mencionados vão ao encontro daquilo que Gerden e Gergem (2000) expõem como a “*Nova Era do Envelhecimento*”. Esta “*Nova Era*” é caracterizada, segundo estes autores, em três aspetos relevantes: a representatividade da população idosa resultante do envelhecimento demográfico; as novas possibilidades de vida provenientes das novas tecnologias da comunicação; e por fim, um progresso significativo da situação económica deste segmento populacional. Viegas e Gomes (2007) declaram que em Portugal, os projetos desenvolvidos a este nível, apontam para um reconfigurar da vida proporcionado pelas novas tecnologias de informação e comunicação tanto ao nível da construção da identidade pessoal como ao nível da sociabilidade dos idosos, cooperando assim para a chamada “*Nova Era do Envelhecimento*”. A ONU estipulou que esta Era do Envelhecimento datava entre 1975 e 2025, propriamente 50 anos de grandes transformações na sociedade.

Para o estudo acerca da intergeracionalidade em Portugal foi fundamental o contributo de Andrade (2002). E sendo este um estudo pioneiro, a autora investigou o contributo da solidariedade entre gerações (jovens e idosos) para o desenvolvimento pessoal e social dos alunos de uma escola secundária, e ainda, analisou a pertinência de existir nas escolas, projetos promotores deste tipo de relacionamentos em diferentes níveis de ensino.

Neste sentido e para marcar o dia da solidariedade entre gerações (29 de Abril de 2012) em Portugal promoveu-se o projeto *Generations@School* que lançou um concurso entre

escolas do 1º e 2º ciclo e por outras escolas da Europa. É um projeto integrado nas iniciativas apontadas pela Comissão Europeia para a comemoração do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações [AEEASG]. Teve como objetivo abrir as portas da sala de aula aos mais velhos, conduzindo a um processo de aprendizagem através da partilha, o que contribuiu para uma maior consciencialização da sociedade no significado e importância do envelhecimento ativo.

O Governo Português propôs um Programa que visasse incrementar ações mais próximas da população idosa e das pessoas em situação de dependência; promover uma vida mais autónoma e de maior qualidade, de forma adequada e com equidade na sociedade; humanizar os cuidados; potenciar os recursos locais; ajustar a realidade que representa o envelhecimento individual e a perda de funcionalidade (Nunes, 2009).

Evidenciados estes aspetos, verifica-se que todos os projetos e programas sociais efetuados ao nível da intergeracionalidade desenvolvem respostas inovadoras e adaptadas, contribuindo assim para uma solidariedade entre gerações que ambiciona uma “*sociedade para todas as idades*” tal como propuseram as orientações da ONU.

Para marcar o 10º Aniversário, a União Europeia decidiu declarar 2012 como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações (Comissão Europeia, 2011a; Comissão Europeia, 2011b).

O AEEASG pretende chamar a atenção para o facto de se continuar com a sensibilização, identificação e divulgação de boas práticas de modo a promover o envelhecimento ativo, atendendo a uma maior cooperação e solidariedade entre as gerações. Assim, o envelhecimento ativo e a solidariedade intergeracional passam a ser considerados elementos-chave para a coesão social, cooperando para uma maior qualidade de vida à medida que se envelhece.

O desafio que se coloca para os políticos e todos os interessados por estas questões será então o de aperfeiçoar as oportunidades do envelhecimento ativo no geral, levando a uma vida autónoma, intervindo em áreas diversas como o emprego, os cuidados de saúde, os serviços sociais, a educação de adultos, o voluntariado, a habitação, a informática e os transportes. E, desta forma, permanecer ativo à medida que a idade avança é essencial para defrontar o desafio do envelhecimento (Comissão Europeia, 2011a).

O Comité Económico e Social Europeu [CESE] apontou para o facto de que é necessário reconhecer e valorizar as distintas contribuições dos mais velhos para a sociedade em geral e evitar a exclusão social. Estas contribuições passam pela ajuda financeira e/ou social nas famílias mais jovens, a transmissão de experiências, saberes e valores, entre outras (CESE, 2010).

A par do anúncio de 2012 como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações, em Portugal foi implementado um estudo referente às “*idades amigas do idoso*” (conceito da OMS) inserido dentro do projeto “*idades*” coordenado pela Associação VIDA que irá ser desenvolvido durante este ano. Este projeto conta com a

colaboração de cerca de 100 municípios, 14 universidades e várias organizações. Este projeto atendendo desta forma a diagnósticos locais irão permitir aos municípios, empresas, instituições sociais, profissionais e outros interessados, não só adequar os serviços e espaços existentes, mas também desenvolver novos serviços e produtos dirigidos à população idosa que lhes promova um envelhecimento mais ativo, com mais dignidade e com melhores condições de vida.

Em suma, 2012 será um ano vantajoso no que concerne a atividades comunitárias e nacionais em proveito do envelhecimento ativo e coesão social entre gerações. Quanto à solidariedade entre as gerações espera-se que se obtenham melhores resultados. Pretende-se ainda combater o desemprego, conseguindo empregar 75% da população indicando assim um forte combate às reformas antecipadas; atenção redobrada junto de prestadores de cuidados de saúde a idosos em contexto da redefinição dos serviços nacionais de saúde e, em geral, do Estado Social (Comissão Europeia, 2011b).

Acredita-se assim que a proclamação do Ano Europeu 2012 será fundamental para encarar a mudança demográfica como uma oportunidade e, ponderar programas e soluções inovadoras à atual crise económica e aos desafios deparados no envelhecimento.

## **2.4. Programas e Práticas Intergeracionais**

Os Governos foram incentivados a introduzir nos programas nacionais, os princípios da ONU, uma vez que estes detinham um conjunto de orientações sobre os direitos dos idosos, ajudando a lidar com a mudança demográfica e contribuindo para a solidariedade e partilha entre gerações (Comité de Direitos Económicos, Sociais e Culturais, 2002; ONU, 2003 & Palmeirão & Menezes, 2009). É a partir desta altura que as reflexões começam a incidir sobre as vantagens que os programas e as práticas de atividades entre gerações proporcionavam.

### **2.4.1. Caracterização dos Programas Intergeracionais**

Os *programas intergeracionais* são modelos estratégicos que têm como objetivo envolver e favorecer as diferentes gerações, desenvolvendo uma maior interação e comunicação nos relacionamentos entre jovens e idosos, contribuindo desta forma, para o fortalecimento das relações e práticas interpessoais (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010; Ferrigno, 2009). São vistos como veículos educativos e sociais que visam uma aprendizagem mútua, fomentando deste modo a cooperação e o intercâmbio entre as pessoas de diferentes idades (Hatton-Yeo & Ohsako, 2001; McCrea, Weissman & Thorpe-Brown, 2004 cit in Sánchez, 2007). Nesta perspetiva, há então o compartilhar de histórias, conhecimentos, recursos, capacidades e experiências entre jovens e idosos (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010; Ventura-Merkel & Lidoff, 1983 cit in Sánchez, 2007). Promovem-se

assim, laços afetivos entre os intervenientes, beneficiando ambos e ajudando ainda a proporcionar um sistema de apoio positivo, mantendo o bem-estar e a solidariedade entre as várias gerações (Newman, 1997 cit in Sánchez, 2007). É através deste tipo de programas que se constitui a base de mudança no pensamento acerca de todos os indivíduos das diferentes gerações (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010).

Existem várias descrições e definições à volta deste conceito, mas a grande maioria dos autores suportam-se na definição internacional adotada em Dortmund (Hatton-Yeo & Ohsako, 2000), indicando que os programas intergeracionais procuram juntar vários indivíduos de diferentes gerações, com uma determinada intenção, de maneira a que se promovam através de certas atividades, benefícios mútuos fomentando um melhor entendimento e respeito entre as gerações (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008). Esta prática intergeracional vai requerer o respeito pela diversidade, pela pluralidade de valores e costumes, pela construção de novos espaços de conhecimento, comunicação e de relações sociais (Palmeirão, 2007 cit in Palmeirão & Menezes, 2009).

Os Programas Intergeracionais, surgem associados a um conjunto de características para facilitar o seu entendimento, sendo que o autor Jacob (2007) indica que estes programas fazem sentido se tiverem em conta os diversificados ritmos de apreensão e motivações dos idosos e dos jovens, assim como a duração destas práticas, que não devem ultrapassar uma hora, pois caso contrário podia-se transformar numa má experiência.

#### **2.4.2. Benefícios dos Programas Intergeracionais**

Dellmann-Jenkins (1997) observou no seu estudo sobre programas intergeracionais entre crianças do pré-escolar (3-5 anos) e idosos (60 anos e mais), que foi muito benéfico para ambos. O principal objetivo destes programas foi de promover um contacto significativo entre as gerações. As imagens apontadas pelas crianças a partir dos 3 anos indicavam que as pessoas mais velhas tinham características como sendo cansadas, feias, impotentes, estando revoltadas e com medo por envelhecer.

Este mesmo autor, numa outra publicação com os seus colaboradores (Dellmann-Jenkins, Lambert, & Fruit, 1991) aplicaram um programa intergeracional que proporcionasse ganhos com a interação entre as gerações. O programa consistia no contacto com a escola e a família dos mais velhos; no contacto regular de adultos mais velhos com as turmas dos mais novos; e interação dos mais novos com os mais velhos mais dependentes. Os resultados indicam que as crianças que participaram em 9 meses de programa estavam mais dispostas a partilhar, ajudar e cooperar com os idosos. Quanto aos mais velhos, o estudo aponta para um aumento do seu bem-estar, atribuição esta devido à perceção que as crianças manifestaram, encarando-os como pessoas mais divertidas, interessantes e tolerantes. Segundo os autores, manifestava-se uma visão mais positiva por parte das crianças acerca dos idosos após a participação nos programas intergeracionais. Assim, verificou-se que a participação nestes

programas e atendendo ao contacto intergeracional alterou a percepção que os mais novos tinham dos mais velhos.

Esta ideia de promover nas crianças a troca de ideias e de interações vai ao encontro da premissa que é nesta fase que muitas atitudes negativas e estereotipadas sobre a velhice se formam (Fruit, Lambert & Griff, 1990 cit in Dellmann-Jenkins, 1997).

Embora este tipo de programas intergeracionais junto de idosos e crianças tenha crescido e se diversificado muito nesta última década, a verdade é que ainda não estão disponíveis todos os meios para se saber lidar com os diversos níveis de interesse destas populações (Stremmel, Travis, Kelly-Harrison, & Hensley, 1994 cit in Dellmann-Jenkins, 1997).

Segundo a autora Maltempí (2006), pensar em programas e ações intergeracionais, é pensar no que cada geração tem para partilhar mutuamente. É neste sentido que a interação que se desenvolve, a troca de experiências e as motivações, podem contribuir para a tomada de novas decisões e novos rumos. Pretende-se assim e sempre, garantir uma consciência coletiva que aponte para a construção de uma sociedade para todas as idades, promovendo desta forma um envelhecer bem sucedido. Para esta, a questão do Envelhecimento, deve ser estendida a toda a população, de modo a que reflitam sobre a sua condição humana e do percurso que esta toma. Neste sentido e para obter boas práticas intergeracionais é necessário que esta temática vá para além dos quartos de lares e hospitais, de maneira a que se promova a saúde na sociedade e a convivência positiva desta camada mais idosa com os jovens, pressupondo assim que este tipo de posturas desenvolve e enriquece o conhecimento dos indivíduos e por sua vez, tem como resultado o gerar de famílias mais felizes.

Também para Peacock e Talley, (1984) os Programas Intergeracionais que desenvolvessem práticas específicas estimulariam o desenvolvimento entre diferentes gerações, proporcionando oportunidades de relacionamento e interação para ambos.

Vemos assim através dos vários contributos dos autores, que para o sucesso dos programas intergeracionais seria sempre favorável a existência de um contacto intergeracional saudável de maneira a reduzir as imagens negativas associadas aos idosos, e articulado a esta ideia, implementou-se também o *voluntariado sénior* (Nunes, 2009). O primeiro grupo com voluntários seniores surge em 1963, nos E.U.A., quando Kennedy promoveu o “*National Service Corps*” com a finalidade de impulsionar oportunidades de trabalho voluntário para pessoas mais velhas e capazes ainda de desempenhar um papel na comunidade. Uma particularidade destes programas de voluntariado é que na sua maioria também fazem parte de programas intergeracionais, juntando desta forma duas valências organizacionais que comportam os idosos e as crianças (Nunes, 2009).

A par de todas estas ações, denota-se que estes programas passam pelo aproximar das gerações e promover, estabelecer, desenvolver e reforçar as relações entre elas. São assim um método de promoção do contacto positivo e da redução da distância entre as gerações, permitindo ainda aos idosos desfrutar de uma vida plena, com saúde e segurança,

participando de forma ativa na vida económica, política, social e cultural da sociedade (Nações Unidas, 2002 cit in Sánchez, 2007).

Os estudos e modelos apresentados anotam assim que na maioria, todos os programas intergeracionais têm o objetivo comum da partilha, troca de interações e experiências contribuindo desta forma para a promoção do bem-estar de todos os envolvidos. Assim, neste sentido, apontam também para mudanças favoráveis nas atitudes dos mais jovens em relação aos mais idosos, revelando também resultados positivos para os níveis de satisfação dos próprios idosos envolvidos e ainda mais-valias para todas as gerações da comunidade (McCrea, Weissman & Thorpe-Brown, 2004 cit in Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010). Verifica-se ainda uma predominância de imagens positivas em programas intergeracionais, uma vez que de maneira geral, entre as crianças impulsionou-se a amizade, o respeito e a aprendizagem e entre os idosos o diálogo, a amizade e a solidariedade (Nunes, 2009).

Ao estes programas trazerem benefícios para a desconstrução de estereótipos preconcebidos relacionados com os idosos, contribuem também para a coesão e solidariedade intergeracional (Afonso, Branco, Esgalhado, Simões, & Pereira, 2010).

Depreende-se no entanto que é utópico apoiar a ideia de que as práticas intergeracionais podem resolver todos os problemas da sociedade (Pinto, Hatton-Yeo & Marreel, 2008). Sendo assim, apresentam-se como um meio para atingir um fim, o da produção de uma “*sociedade para todas as idades*”, onde se proporciona aos indivíduos de todas as gerações, a oportunidade de participarem na construção de um mundo diferente (ONU, 2003).

Neste sentido, e de forma que nos deparemos com programas intergeracionais bem-sucedidos é sempre importante averiguar o contacto entre as gerações, de maneira a compreender os laços que se criam entre os jovens e os idosos.

## 2.5. Contacto Intergeracional e Imagens do Envelhecimento

Para que um contacto intergeracional seja bem-sucedido é necessário haver de ambas as partes um reconhecimento da pluralidade, resultando em novos papéis e na modificação e criação de novas imagens sobre a velhice (Ferrigno, 2009; Nunes, 2009).

O contacto intergeracional pode processar-se em vários meios, tanto familiar como social, através dos programas intergeracionais (Nunes, 2009; Oliveira, 2011).

Vários estudos apontam como consequência da segregação etária as modificações sociais e demográficas, resultando na redução das oportunidades de contacto intergeracional e por sua vez, também limitações na partilha e troca de aprendizagens e experiências. Estes factos resultam assim na não compreensão de ambas as partes, ou seja, há um acréscimo da tensão por parte dos jovens pois estes não conseguem entender os idosos e estes temem os jovens. (Cohon, 1985; Roybal, 1985; Halpern, 1987; DeBord & Flanagan, 1994 cit in Nunes, 2009).

Observa-se também através de outros estudos, que as crianças que não usufruíram de interações e contactos suficientes com os avós tendem a ter sentimentos e imagens negativas sobre estes e o envelhecimento (Seefeldt, Warman, Jantz, & Galper, 1990 cit in Nunes, 2009). Apontam assim imagens dos idosos como sendo pessoas aborrecidas, com o cabelo grisalho, com rugas, feias, são dependentes, cansadas e doentes (Chen, 1997; Delmann-Jenkins, 1997).

Em 1971, MacTavish (cit in Nunes, 2009), tendo em conta diversas pesquisas, ressalta que entre um quinto a um terço dos jovens e adultos descrevem os idosos e o envelhecimento de forma negativa.

Atendendo a estes resultados, Gordon e Hallauer (1976 cit in Nunes, 2009 OUTRO), chamaram a atenção para a importância da execução de programas de intervenção que visassem mudanças urgentes nas percepções dos jovens acerca dos idosos. Procuraram então analisar os efeitos de visitas de apoio a idosos residentes numa instituição e os resultados evidenciaram uma mudança de atitudes dos mais jovens em relação aos mais velhos e um grande entusiasmo por parte dos idosos em relação às atividades estabelecidas. Este estudo ficou reconhecido como impulsionador dos programas de contacto intergeracional, uma vez que se apurou e continuou a verificar que o contacto direto entre novos e idosos estimula a satisfação dos mais velhos e por sua vez imagens positivas pelos mais novos.

Revela-se assim que os programas intergeracionais são uma mais-valia ao contacto intergeracional e à desmistificação de imagens e estereótipos adotados pelos mais jovens (Trent, Glass & Crockett, 1979; Greenblatt, 1982; Newman, Lyons & Onawola, 1985 & Quintero & Ason, 1983 cit in Nunes, 2009). Observou-se que, através deste contacto direto entre gerações, é possível mudar as atitudes dos mais novos para com os idosos e o envelhecimento, assim como, quando este contacto seja pensado melhora e reduz a ameaça de estereótipos, promovendo desta forma uma maior responsabilidade, solidariedade e enriquecimento entre as gerações (Abrams, Crisp, Marques, Fagg, Bedford & Provias, 2008).

Em suma e atendendo a todos os estudos efetuados pelos autores, verificamos que a existência de um contacto intergeracional saudável contribui em muito para a presença de imagens e estereótipos positivos acerca do idoso. Os jovens tomam consciência da sua condição humana e cooperam com os mais velhos de maneira a promover uma solidariedade e troca de experiências entre as gerações.

## **II.**

# **ESTUDO EMPÍRICO**

### 3. Apresentação do Estudo

Atendendo às projeções do INE relativamente à população residente em Portugal, entre os anos 2008-2060, aponta-se para um crescimento continuado do envelhecimento da população. Esta situação tem-se intensificado cada vez mais, factos que se devem à melhoria das condições de saúde, aos avanços tecnológicos e científicos, entre outros (Ribeiro, 2007). Leva assim, por sua vez, a uma maior necessidade no estudo desta população, contribuindo deste modo, para a alteração ou anulação de determinados estereótipos e crenças sobre as pessoas idosas (Gásquez, Pérez-Fuentes, Fernández, González, Ruiz & Díaz, 2009).

Ao longo da história a imagem social do idoso tem vindo a sofrer alterações, dependendo sempre do contexto cultural onde se insere. Por essa razão esta nem sempre foi coincidente com uma visão positiva, caminhou-se desde uma imagem de prestígio a uma imagem de inutilidade. Em função disto, a imagem deixa de ser apenas uma forma de caracterizar os outros, para passar a ser uma representação social dos estereótipos, atitudes, crenças e mitos, com impacto na produção de informação e nos conhecimentos sobre um determinado grupo social (Ribeiro, 2007). Assim, há pois a necessidade e a urgência de uma desmistificação do conceito de idoso e envelhecimento.

Face à influência que a sociedade possui, como veículo social e cultural, para a formação de crenças sobre a população idosa e face ao impacto social significativo que o fenómeno do envelhecimento manifesta, este estudo vai ao encontro desta preocupação, no sentido de analisar as imagens e estereótipos que os estudantes universitários têm acerca desta faixa etária. No entanto, observa-se na revisão da literatura efetuada, que por um lado a tendência é para que a sociedade categorize automaticamente os outros de várias formas, nomeadamente em função da idade e com a existência de ideias negativas em relação à velhice, prejudicando a relação com os idosos e o modo de como as pessoas vivem a sua velhice, por outro lado, constata-se que uma das variáveis explicativas para o tipo de imagens que se desenvolvem sobre a velhice tem a ver com o contacto intergeracional (Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010; Ribeiro, 2007; Ribeiro & Sousa, 2008).

Entre outros objetivos, a ONU (2003) teve como principal o de promover a solidariedade entre as gerações empreendendo iniciativas intergeracionais, maximizando por sua vez o contacto intergeracional e promovendo a coesão social e o apoio mútuo para a edificação de uma sociedade para todas as idades.

Na nossa sociedade frequentemente nos deparamos com uma cultura antienvelhecimento que é reforçada pelos meios de comunicação, onde está patente a população estudantil, cujas perceções acerca da velhice carregam uma conotação negativa (Magalhães, 2010). Neste sentido, no âmbito deste estudo questiona-se, se de facto estas imagens e estereótipos de orientação negativa sobre os idosos predominarão nos estudantes

da Universidade da Beira Interior. Pretende-se ainda analisar a influência do contacto intergeracional para a formação dessas imagens e representações sociais.

Assim, este estudo é sobretudo de carácter descritivo, pois pretende recolher os dados de forma sistemática, e onde estes são tratados de forma estatística, sendo também um tipo de estudo transversal, por recolher os dados num único momento.

## 4. Objetivos de Estudo

Esta investigação pretende conhecer as imagens e estereótipos do idoso e da velhice em estudantes da Universidade da Beira Interior. Trata-se de um estudo descritivo e transversal. Os objetivos específicos desta investigação são:

1. Avaliar as imagens e estereótipos do envelhecimento em estudantes da Universidade da Beira Interior.
2. Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente ao género.
3. Averiguar se existem diferenças nas imagens e estereótipos do envelhecimento entre os estudantes de distintos cursos.
4. Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente à idade.
5. Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente ao local de proveniência.
6. Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente com o contacto intergeracional.
7. Averiguar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários que residem ou não com idosos.

## 5. Método

### 5.1. Participantes

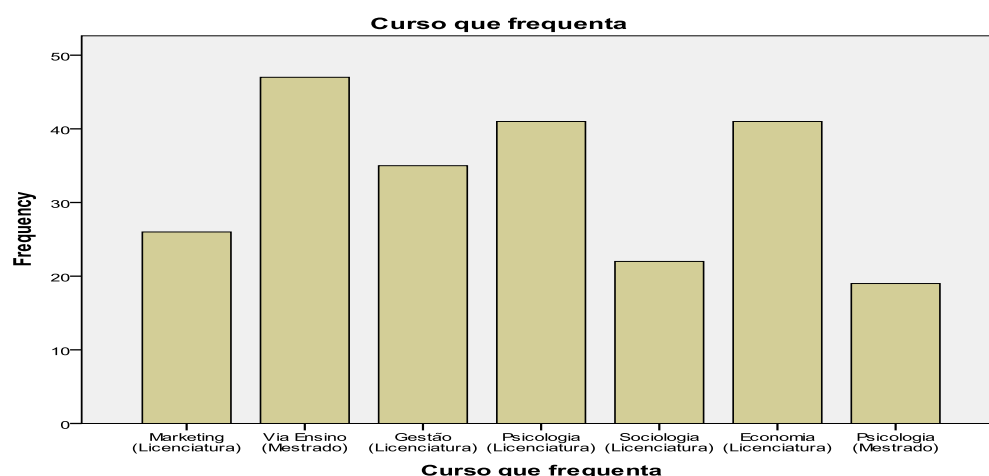
Participaram neste estudo 231 estudantes da Universidade da Beira Interior, inscritos no ano letivo 2011/2012, com idades compreendidas entre os 18 e os 59 anos. A média de idades é de 22,49 anos (DP=4,63), a mediana é de 21 anos, sendo a moda de 19 anos de idade.

A amostra é composta por 137 (59,3%) mulheres e 94 (40,7%) homens. Quanto ao Local de proveniência dos alunos, verifica-se que 135 estudantes (58,4%) provêm do meio urbano e 96 estudantes (41,6%) provêm do meio rural (tabela 1).

**Tabela 1 - Características sociodemográficas da amostra (N=231)**

	Estudantes Universitários	
	N	(%)
<b>Género</b>		
Mulher	137	59,3%
Homem	94	40,7%
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	208	90%
Casado	17	7,4%
Divorciado	4	1,7%
União de Facto	2	0,9%
<b>Local de Proveniência</b>		
Meio Rural	96	41,6%
Meio Urbano	135	58,4%

No que se refere ao curso, tal como pode ser observado na figura 1, a amostra é constituída por 26 (11,3%) estudantes do curso de Marketing, 35 (15,2%) do curso de Gestão, 41 (17,7%) estudantes de Psicologia, 22 (9,5%) de Sociologia e 41 (17,7%) estudantes do curso de Economia. Para além destes cursos do 2º ano de Licenciatura, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, optou-se também por inquirir alunos do 1º ano de mestrado de cursos de Via Ensino e de Psicologia, sendo constituídos por 47 (20,3%) e 19 (8,2%) estudantes, respetivamente.



**Figura 1 - Curso dos participantes no estudo (N=231)**

Quanto à distribuição de idades dos estudantes por curso, verifica-se que os cursos de Licenciatura em Gestão (M=21,69; DP=4,71) e de Mestrado em Via Ensino (M=27,66 (DP=5,31) apresentam a maior média de idades. Os cursos que contêm alunos com idade mais baixa são Marketing e Psicologia com alunos de 18 anos; Gestão, Sociologia e Economia com alunos de 19 anos, sendo que nos dois cursos de 1º ano de mestrado a idade mínima é de 21 anos (tabela 2).

**Tabela 2 - Idade dos participantes no estudo, por curso (N=231)**

Curso que Frequenta	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Marketing	26	18	31	21,58	2,72
Gestão	35	19	59	21,69	4,71
Psicologia	41	18	44	21,00	4,35
Sociologia	22	19	29	21,32	2,95
Economia	41	19	25	20,07	1,31
Via Ensino (Mestrado)	47	21	43	27,66	5,31
Psicologia (Mestrado)	19	21	24	22,21	1,03

Dos 231 estudantes universitários apenas 34 (14,7%) reside com idosos no seu local de proveniência, sendo que destes, 18 (7,8%) alunos têm no seu agregado familiar uma pessoa idosa e 11 (4,8%) estudantes contêm duas pessoas idosas (tabela 3).

**Tabela 3 - Distribuição dos estudantes em função do nº de pessoas idosas com quem residem**

Reside com uma pessoa idosa no agregado familiar	Reside com duas pessoas idosas no agregado familiar	Reside com três pessoas idosas no agregado familiar	Reside com cinco pessoas idosas no agregado familiar	Reside com oito pessoas idosas no agregado familiar	Não Responde
18	11	1	1	1	2

Quanto ao relacionamento dos estudantes com pessoas idosas, como se pode observar na tabela 4, existem semelhanças nas relações diárias com idosos da família e que não sejam da família. Sendo que 28 (12,1%) estudantes mantêm relações com familiares e 31 (13,4%) com não familiares idosos, todos os dias. Contudo, denota-se que o posicionamento mais frequente, com 77 (33,3%) estudantes, indica que uma vez por semana estes se relacionam com pessoas idosas familiares. Já no que consta aos relacionamentos com pessoas idosas não familiares, verifica-se que 86 (37,2%) dos estudantes lidam com os idosos menos de uma vez por semana.

**Tabela 4 - Distribuição dos estudantes em função do relacionamento com pessoas idosas (N=231)**

	Idosos Familiares		Idosos Não Familiares	
	N	(%)	N	(%)
Nunca	11	4,8%	13	5,6%
Menos de uma vez por semana	44	19,0%	86	37,2%
Uma vez por semana	77	33,3%	61	26,4%
Duas a três vezes por semana	71	30,7%	40	17,3%
Todos os dias	28	12,1%	31	13,4%

Em relação à participação por parte dos estudantes em Programas Intergeracionais, observa-se que 124 (53,7%) estudantes sabem ao que estes se referem e 107 (46,3%) estudantes não sabem o seu significado, verifica-se ainda que apenas 10 estudantes (4,3%) já participaram neste tipo de programas.

No que diz respeito a conteúdos sobre o envelhecimento abordados ao nível da formação no ensino superior, apenas 85 alunos (36,8%) dizem ter tido estes através de unidades curriculares (N=77, 33,3%) ou através de partes do programa (N=4, 1,7%). Tal como pode ser observado através da tabela 5, os cursos que abordam mais estes conteúdos são Psicologia (N=41, 48,2%) e os dois cursos de mestrado de Via Ensino e Psicologia (N=19, 22,4%).

**Tabela 5 - Conteúdos sobre o envelhecimento no curso, segundo informação dos estudantes**

Conteúdos abordados no Curso	Estudantes Universitários	
	N	(%)
Marketing	0	0%
Gestão	1	1,2%
Psicologia	41	48,2%
Sociologia	1	1,2%
Economia	4	4,7%
Via Ensino (Mestrado)	19	22,4%
Psicologia (Mestrado)	19	22,4%
<b>TOTAL</b>	<b>85</b>	<b>100%</b>

Relativamente ao contacto intergeracional em contexto de estágio, 5 (2,2%) estudantes afirmaram que o faziam, sendo que destes, 3 indivíduos (1,3%) o fazem de modo pontual. Já no diz respeito ao contacto através de voluntariado, 44 (19%) estudantes afirmaram participar, sendo que destes 21 o fazem de modo pontual (9,1%) e 5 indivíduos (2,2%) o fazem num intervalo de 2 a 6 meses.

## 5.2. Instrumentos

No âmbito deste estudo, foram utilizados o Questionário sociodemográfico, e a Escala ImAges (Anexo1).

### *Questionário Sociodemográfico*

Este questionário é constituído por questões que visam a caracterização sociodemográfica da amostra, de aspetos sobre os conteúdos acerca do envelhecimento abordados ao longo do curso e frequência de contactos intergeracionais. Está assim composto por treze questões que incidem nomeadamente sobre: idade, curso, género, estado civil, local de proveniência, se reside com idosos, se sabe o que são programas intergeracionais, se existiu participação em Programas Intergeracionais, quais os conteúdos do envelhecimento que podem ter sido abordados no curso, e se frequentou ou participa em estágio e/ou voluntariado. O questionário contém ainda duas questões de resposta de formato tipo Likert, em que é pedido ao estudante, que se posicione, de 0 a 5, segundo a frequência com que se relaciona com pessoas idosas da sua família e não familiares.

### *Escala ImAges*

A *escala ImAges*, elaborada por Sousa, Cerqueira & Galante (2008), foi uma escala desenvolvida para a população Portuguesa. O seu objetivo é o de caracterizar as imagens sociais da velhice e do envelhecimento em diferentes grupos etários. Este instrumento foi desenvolvido por várias fases, numa primeira, foi efetuada a recolha de itens, baseando-se na revisão da literatura e de diversos instrumentos de estudo, nacionais e internacionais, de imagens, estereótipos, atitudes ou crenças em relação à velhice e ao envelhecimento. Foi também utilizado um questionário composto por 3 frases em que os inquiridos deveriam completar: “*Uma pessoa velha é...; A velhice é...; Sabemos que alguém está velho quando...*”. Numa segunda fase os itens emergentes foram integrados num questionário com escala de respostas do tipo Likert de 5 pontos (1- discordo totalmente, 2- discordo, 3- não concordo nem discordo, 4- concordo, 5- concordo totalmente) (Sousa, Cerqueira & Galante, 2008). Inicialmente esta escala era composta por 146 itens, mas de maneira a eliminar os itens que representassem a mesma ideia, ou que fossem pouco compreensíveis foi aplicada posteriormente em dois momentos, a duas amostras recolhidas por conveniência. Foi então que este processo suscitou a remoção de vários itens, resultando na atual escala de 32 itens. Depois disto, procurou-se estudar a estrutura fatorial da escala, tendo-se analisado os itens em componentes principais (rotação varimax), onde se obtiveram quatro fatores (Sousa, Cerqueira e Galante, 2008). Os fatores obtidos podem ser observados na tabela 6.

**Tabela 6. Fatores da Escala ImAges**

<b>Fator 1</b> <i>Dependência, Tristeza e Antiquado</i>	Inclui itens relacionados com a doença e a perda de capacidades físicas, dependência, e itens associados a tristeza, solidão e viver de recordações.
<b>Fator 2</b> <i>Incompetência relacional e cognitiva</i>	Compreende itens que se reportam à diminuição do desempenho ao nível cognitivo e para comportamentos sociais desajustados.
<b>Fator 3</b> <i>Maturidade, atividade e afetividade</i>	Inclui itens que descrevem a velhice como uma fase de maturidade e a pessoa velha como ativa e carinhosa.
<b>Fator 4</b> <i>Inutilidade</i>	Inclui itens que descrevem a velhice e a pessoa velha como já não tendo contribuído a dar.

Estas qualificações em cada fator indicam a multidimensionalidade da sua estrutura e das componentes, sendo que os fatores 1, 2 e 4 suportam características negativas, e apenas o fator 3, apresenta características positivas. Isto revela que as imagens negativas são mais complexas que as positivas (Sousa, Cerqueira e Galante, 2008). Na tabela 7 observa-se a correspondência dos fatores aos respetivos itens.

**Tabela 7. Fatores e Itens da escala ImAges**

**Fator 1 - Dependência, Tristeza e Antiquado**

- 3 Uma pessoa velha é triste e amargurada
- 4 A velhice é uma fase da vida especialmente difícil (aproximação da morte, doenças, solidão)
- 6 Uma pessoa velha vive das suas recordações (repete sempre as histórias do passado)
- 7 Uma pessoa velha sente muitas dores físicas
- 8 Uma pessoa velha geralmente é pobre
- 12 Uma pessoa velha é doente (tem pouca saúde física e psicológica)
- 13 A velhice é uma segunda infância
- 16 Uma pessoa velha tem pouca criatividade
- 18 Uma pessoa velha não domina as novas tecnologias
- 19 A velhice é a fase da deterioração das capacidades físicas
- 21 Uma pessoa velha precisa de muito descanso
- 22 Uma pessoa velha precisa que tenham paciência com ela
- 23 Uma pessoa velha já deu o seu contributo (bom ou mau) ao mundo
- 30 Uma pessoa velha é dependente e por isso precisa da ajuda dos outros

**Fator 2 - Incompetência Relacional e Cognitiva**

- 1 Uma pessoa velha não cuida do seu aspeto físico
- 5 Uma pessoa velha tem menos responsabilidades e obrigações
- 9 Uma pessoa velha tem um discurso incoerente
- 10 Uma pessoa velha não admite os seus erros
- 11 Uma pessoa velha sente menos as emoções (alegria, tristeza, ansiedade, amor, ...)
- 14 Uma pessoa velha não reconhece que precisa de ajuda

15 Uma pessoa velha é egoísta

31 Uma pessoa velha é aborrecida, rabugenta, teimosa

---

**Fator 3 - Maturidade, Atividade e Afetividade**

---

24 Uma pessoa velha sente-se bonita

26 Uma pessoa velha tem vontade de viver

27 A velhice é um a fase da vida especialmente boa (mais maturidade, tempo para desfrutar a alegria e a felicidade)

28 Uma pessoa velha é um a pessoa amorosa e carinhosa

29 Uma pessoa velha continua a ter uma vida normal

32 Uma pessoa velha é ativa e esforça - se por assim continuar

---

**Fator 4 - Inutilidade**

---

2 A velhice pode ser boa ou má, dependendo dos que nos rodeiam (amigos, família)

17 As pessoas velhas são todas iguais

20 Uma pessoa velha tem conhecimentos que já não interessam aos outros

25 Uma pessoa velha é inútil, parada e preguiçosa

---

De modo a analisar a consistência interna da escala ImAges, as autoras da escala calcularam o *Alpha de Cronbach*, onde obtiveram para a escala global e para cada fator, valores satisfatórios (Sousa, Cerqueira e Galante, 2008). Neste sentido foi também calculado o *Alpha de Cronbach* para a escala ImAges do presente estudo, apresentando deste modo o valor de 0,83, o que é considerado bom. Referentemente aos quatro fatores da escala observa-se a existência de uma boa fiabilidade, tanto no Fator 1 (Dependência, Tristeza e Antiquado) como no Fator 2 (Incompetência Relacional e Cognitiva), com valores de 0,83 e 0,80, respetivamente. Para o Fator 3 (Maturidade, Atividade e Afetividade) o alfa registado foi de 0,73 o que corresponde a uma fiabilidade aceitável. Já para o Fator 4 (Inutilidade), o *Alpha de Cronbach* obtido foi de 0,41 o que é considerado um valor inaceitável, sendo que este não é analisado no presente estudo. Todos estes dados relativos ao *Alpha de Cronbach* tanto da Escala Original e seus respetivos fatores, como do presente estudo podem ser observados na tabela 8.

**Tabela 8. Alpha de Cronbach da Escala ImAges e dos Respetivos Fatores**

	Alpha de Cronbach (Escala ImAges Estudo Original)	Alpha de Cronbach (presente estudo com N=231)
<b>Escala ImAges (Total)</b>	0,86	0,826
<b>Fator 1:</b> Dependência, Tristeza e Antiquado	0,90	0,829
<b>Fator 2:</b> Incompetência relacional e cognitiva	0,83	0,803
<b>Fator 3:</b> Maturidade, atividade e afetividade	0,74	0,725
<b>Fator 4:</b> Inutilidade	0,68	0,414

### 5.3. Procedimentos

Numa primeira fase deste trabalho, procedeu-se à recolha de informação, ou seja, fez-se uma pesquisa bibliográfica acerca do tema, de maneira a conseguir fundamentá-lo apropriadamente. Seguidamente após a análise de estudos e procura de instrumentos, recorri e optei pela utilização da escala *ImAges* das autoras Sousa, Cerqueira & Galante (2008), cuja autorização foi posteriormente concedida.

No mês de Fevereiro, procedeu-se à elaboração do questionário sociodemográfico, sendo depois sujeito a alterações após feita uma aplicação-teste. Aquando da fase final deste questionário foram efetuados contactos com docentes e diretores de curso de modo a obter autorizações para aplicar os questionários. Foi entretanto posteriormente calendarizado com os docentes o momento ideal para a aplicação, sendo distribuídos no mês de Março, em sala de aula, com a presença do professor anteriormente contactado. Aos alunos, após explicação e perceção do pretendido para o estudo, solicitou-se o autopreenchimento e garantiu-se a confidencialidade. Houve deste modo, da parte destes, um consentimento verbal do que era solicitado, passando assim ao seu preenchimento. A amostra diz respeito a alunos do 2º ano de Licenciatura da faculdade de ciências sociais e humanas e do 1º ano de Mestrado apenas de cursos Via Ensino e Psicologia, foi assim uma amostra por conveniência.

## 6. Análise de Dados

Para a análise dos dados deste estudo quantitativo, utilizou-se a *versão 17* do programa *Statistical Package for Social Sciences* [SPSS].

Recolhidos todos os questionários, procedeu-se à sua numeração e posterior construção da base de dados no SPSS. Inicialmente, para a caracterização da amostra recorreu-se à estatística descritiva, efetuando-se o cálculo de frequências absolutas (n) e relativas (%) assim como o cálculo de medidas de tendência central e medidas de dispersão aquando de variáveis quantitativas.

A seguir calculou-se a consistência interna da escala *ImAges* e dos seus fatores, através do *Alpha de Cronbach*<sup>2</sup> ( $\alpha$ ), que mede a fiabilidade interna do instrumento. O alfa varia numa escala entre 0 e 1 em que o valor de alfa se assumir o valor inferior a 0,50 é considerado inaceitável, entre 0,50 e 0,60 é considerado mau, entre 0,60 e 0,70 é aceitável, entre 0,70 e 0,80 é bom, entre 0,80 e 0,90 é muito bom, sendo que quando for maior ou igual a 0,90 é considerado excelente (DeVellis, 1991 cit in Lopes, 2010). Quanto menor for a variabilidade dos itens na amostra, mais o coeficiente se vai aproximar de 1, ou seja, mais consistente e fiável será o instrumento (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

---

<sup>2</sup> O valor do *Alpha de Cronbach* é tanto maior, quanto maior for a correlação entre os itens de um instrumento, por isso também é conhecido como consistência interna do teste.

Seguidamente, de modo a testar a normalidade da amostra, utilizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov (K-S), que nos demonstra que aquando da existência de valores significativos, estes indicam a existência de diferenças entre uma distribuição normal padrão e a variável estudada, indicando simultaneamente que esta variável não tem uma distribuição normal. No entanto, sabe-se que à medida que o tamanho da amostra aumenta, a distribuição da média amostral tende para uma distribuição normal, independentemente do tipo de distribuição da variável em estudo (Barnes, 1994 cit in Maroco, 2003). Assim sendo, verifica-se neste estudo que o fator 1 ( $p = 0,221$ ) e o fator 2 ( $p = 0,183$ ) da escala ImAges seguem uma distribuição normal e o fator 3 ( $p = 0,017$ ) e fator 4 ( $p = 0,002$ ) não seguem uma distribuição normal. Mas, dados os factos, a distribuição assume-se como satisfatória e aproximada da normal, sendo utilizados testes paramétricos para este estudo. Entre estes testes utilizou-se o teste t de *Student*, de modo a verificar se existem diferenças estatisticamente significativas entre as médias de duas amostras e também a análise da variância (ANOVA) utilizada para três ou mais amostras.

Para a análise estatística das informações recolhidas foi estabelecido como nível de significância  $p \leq 0,05$ .

## 7. Resultados

Seguidamente são apresentados os resultados a partir dos objetivos propostos para este estudo.

- **Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente ao género.**

No que diz respeito ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, pode verificar-se que também existem diferenças extremamente significativas entre os géneros ( $t(229) = -4,501$ ;  $p < 0,001$ ). Contudo, verifica-se que o índice médio de estereótipos e imagens de Dependência, Tristeza e Antiquado, presente no grupo dos homens ( $M=36,7$ ;  $DP= 6,56$ ), é superior à média presente no grupo das mulheres ( $M=32,7$ ;  $DP=6,82$ ).

Relativamente ao fator, “Incompetência Relacional e Cognitiva”, os resultados apontam novamente para uma média superior no grupo dos homens ( $M=17,6$ ;  $DP=4,51$ ), relativamente ao sexo feminino ( $M=14,6$ ;  $DP=3,68$ ), sendo que também existem diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = -5,504$ ;  $p < 0,001$ ).

Quanto ao fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, também se verificam diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = 2,377$ ;  $p < 0,05$ ), onde se denota que as mulheres apresentam uma média de imagens superior em relação aos homens, com médias respetivamente de, 21,9 ( $DP=3,11$ ) 20,9 ( $DP=2,89$ ). Os resultados referentes à variável género podem ser observados na tabela 9.

**Tabela 9 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por género (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df	t
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Mulher	137	32,7	6,82	229	-4,501***
Homem	94	36,7	6,56		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>					
Mulher	137	14,6	3,68	229	-5,504***
Homem	94	17,6	4,51		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>					
Mulher	137	21,9	3,11	229	2,377*
Homem	94	20,9	2,89		

Nota: \* p <0,05; \*\* p <0,01; \*\*\* p <0,001

- **Averiguar se existem diferenças nas imagens e estereótipos do envelhecimento entre os estudantes de distintos cursos.**

Relativamente ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, verifica-se que existem diferenças extremamente significativas (F (6;224) =8,130; p <0,001), sendo que os alunos do curso de Economia são os que detêm uma média maior de 38,0 (DP=6,04) em relação às imagens e estereótipos do envelhecimento. Segue-se o curso de Sociologia (M=37,1; DP=5,73), Gestão (M=36,2; DP=7,74), de Marketing (M=36,1; DP=4,96), Psicologia do 2º ciclo (M=32,2; DP=6,00), Via Ensino do 2º ciclo (M=32,1; DP=6,36) e Psicologia (M=30,0; DP=6,94).

No que diz respeito ao fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, continuam a ser os estudantes de Economia que mais imagens detêm sobre os idosos e envelhecimento com uma média de 18,4 (DP=3,74), seguidamente está o curso de Marketing (M=17,8; DP=4,25), Gestão (M=16,4; DP=5,00), Sociologia (M=16,4; DP=2,84), Via Ensino do 2º ciclo (M=15,0; DP=3,44), Psicologia do 2º ciclo (M=13,7; DP=4,08), e por fim Psicologia (M=13,3; DP=3,84). Verificam-se assim diferenças estatisticamente e extremamente significativas (F (6;224) =8,220; p <0,001).

Por último, no fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, são os estudantes do curso de Psicologia de 2º ciclo que mais imagens têm acerca do idoso e envelhecimento, com uma média de 23,6 (DP=3,89). Posteriormente vem o curso de Gestão (M=22,8; DP=2,87), Psicologia (M=22,5; DP=3,49), Sociologia (M=20,9; DP=2,05), Via Ensino de 2º ciclo (M=20,7; DP=2,48), Economia (M=20,7; DP=2,40) e Marketing (M=19,8; DP=2,65). Encontram-se deste modo diferenças estatisticamente e extremamente significativas (F (6;224) = 6,615; p <0,001). Os resultados referentes à variável curso podem ser observados na tabela 10.

**Tabela 10 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por curso (n=231).**

	Curso	N	Média	Desvio Padrão	Df (B;W)	F
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>	Marketing	26	36,1	4,96	6;224	8,130***
	Via Ensino - 2º ciclo	47	32,1	6,36		
	Gestão	35	36,2	7,74		
	Psicologia	41	30,0	6,94		
	Sociologia	22	37,1	5,73		
	Economia	41	38,0	6,04		
	Psicologia - 2º ciclo	19	32,2	6,00		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>	Marketing	26	17,8	4,25	6;224	8,220***
	Via Ensino - 2º ciclo	47	15,0	3,44		
	Gestão	35	16,4	5,00		
	Psicologia	41	13,3	3,84		
	Sociologia	22	16,4	2,84		
	Economia	41	18,4	3,74		
	Psicologia - 2º ciclo	19	13,7	4,08		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>	Marketing	26	19,8	2,65	6;224	6,615***
	Via Ensino - 2º ciclo	47	20,7	2,48		
	Gestão	35	22,8	2,87		
	Psicologia	41	22,5	3,49		
	Sociologia	22	20,9	2,05		
	Economia	41	20,7	2,40		
	Psicologia - 2º ciclo	19	23,6	3,89		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>	Marketing	26	19,8	2,65	6;224	6,615***
	Via Ensino - 2º ciclo	47	20,7	2,48		
	Gestão	35	22,8	2,87		
	Psicologia	41	22,5	3,49		
	Sociologia	22	20,9	2,05		
	Economia	41	20,7	2,40		
	Psicologia - 2º ciclo	19	23,6	3,89		

Nota: \* p <0,05; \*\* p <0,01; \*\*\* p <0,001

Esta análise através dos cursos e dados os resultados obtidos pode-se ainda relacionar com a variável dos conteúdos sobre o envelhecimento abordados ao longo da formação. Dos 85 estudantes (M=4,3; DP=1,75) que responderam afirmativamente no que diz respeito a uma base de formação sobre envelhecimento, são o curso de Psicologia (N=41, 17,7%), Via Ensino do 2º ciclo (N=19, 8,2%), Psicologia do 2º ciclo (N=19, 8,20%), Economia (N=4, 1,7%), Gestão (N=1, 0,4%), e Sociologia (N=1, 0,4%). Quanto ao curso de Marketing nenhum elemento refere ter tido conteúdos sobre o envelhecimento na sua formação. Deste modo, verifica-se diferenças extremamente significativas (F (6;224) = 6,145; p <0,001).

- Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente à idade.

Quanto ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, os estudantes universitários pertencentes à faixa etária dos 18 aos 25 anos são os que apresentam mais imagens e estereótipos de envelhecimento com média de 34,7 (DP=7,04), seguidos dos estudantes com idades dos 26 aos 33 anos cuja média é de 33,8 (DP=6,11). Por fim, resta a faixa etária dos 34 aos 59 anos que são os que apresentam menos imagens e estereótipos de envelhecimento, com média de 30,3 (DP=6,58), não se registando deste modo diferenças estatisticamente significativas ( $F(2;228) = 3,140$ ;  $p = 0,045$ ).

Relativamente ao fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, os estudantes universitários que apresentam menos imagens e estereótipos de envelhecimento têm idades compreendidas entre os 34 e os 59 anos ( $M=14,3$ ;  $DP=3,28$ ), seguidamente vêm os alunos com idades dos 18 aos 25 anos ( $M=16,0$ ;  $DP=4,42$ ) e dos 26 aos 33 anos ( $M=16,0$ ;  $DP=3,65$ ). No entanto, não se verificam diferenças estatisticamente significativas ( $F(2;228) = 1,205$ ;  $p = 0,302$ ).

Por fim, no fator “Maturidade, Atividade e Afetividade” os resultados não indicam a existência de diferenças estatisticamente significativas ( $F(2;228) = 1,886$ ;  $p = 0,154$ ). Contudo são os estudantes com idades entre os 18 e 25 anos ( $M=21,6$ ;  $DP=3,09$ ) e 26 e 33 anos ( $M=21,6$ ;  $DP=3,10$ ) que mais associam o idoso à maturidade, atividade e a alguém como sendo afetuoso e carinhoso. Restando a faixa etária dos 34 aos 59 anos, verifica-se que estes são os que detêm menos imagens e estereótipos de envelhecimento com uma média de 20,1 ( $DP=2,21$ ). Os resultados referentes à variável Idade podem ser observados na tabela 11.

**Tabela 11 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por faixa etária (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df (B;W)	F
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Dos 18 aos 25 anos	192	34,7	7,04	2;228	3,140
Dos 26 aos 33 anos	23	33,8	6,11		
Dos 34 aos 59 anos	16	30,3	6,58		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>					
Dos 18 aos 25 anos	192	16,0	4,42	2;228	1,205
Dos 26 aos 33 anos	23	16,0	3,65		
Dos 34 aos 59 anos	16	14,3	3,28		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>					
Dos 18 aos 25 anos	192	21,6	3,09	2;228	1,886
Dos 26 aos 33 anos	23	21,6	3,10		
Dos 34 aos 59 anos	16	20,1	2,21		

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$

- Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente ao local de proveniência.

No que diz respeito ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, não se verificam diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = 0,707$ ;  $p = 0,480$ ), sendo que é no grupo de estudantes do meio rural, que surge uma média de 34,7 (DP=6,93), superior à média presente nos estudantes universitários que residem no meio urbano, com média de 34,0 (DP=7,05).

Em relação ao fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, não se apuram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de estudantes ( $t(229) = -0,245$ ;  $p = 0,807$ ). No entanto, os indivíduos que residem no meio urbano apresentam uma média de 15,9 (DP=4,52), superior à média apresentada pelos alunos que residem no meio rural com 15,8 (DP=3,96).

Por fim, no fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, os estudantes universitários que residem no meio rural apresentam uma média de 21,7 (DP=3,10), superior à média presente no grupo de estudantes do meio urbano ( $M=21,3$ ;  $DP=3,02$ ), não se verificando, portanto, diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = 0,983$ ;  $p = 0,327$ ). Estes resultados podem ser observados na tabela 12.

**Tabela 12 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, por local de proveniência (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df	t
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Meio Rural	96	34,7	6,93	229	0,707
Meio Urbano	135	34,0	7,05		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>					
Meio Rural	96	15,8	3,96	229	-0,245
Meio Urbano	135	15,9	4,52		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>					
Meio Rural	96	21,7	3,10	229	0,983
Meio Urbano	135	21,3	3,02		

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$

- Analisar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários, comparativamente com o contacto intergeracional.

No fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que se relacionam “Uma vez por Semana” com pessoas idosas da família, tendo uma média de 34,9 (DP=6,24), seguidos pelos estudantes que se relacionam com pessoas idosas da família “Duas a três vezes por Semana”, com uma média de 34,3 (DP=7,92). Seguidamente encontram-se os estudantes que

se relacionam “Menos de uma vez por Semana” com pessoas idosas, com uma média de 34,0 (DP=6,46), depois segue-se os estudantes que “Nunca” se relacionam com pessoas idosas, com uma média de 33,6 (DP=6,98). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que se relacionam com estes “Todos os Dias”, com uma média de 33,4 (DP=7,57). No entanto, estes dados não apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas ( $F(4;226) = 0,328$ ;  $p = 0,859$ ).

Em relação ao fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de estudantes ( $F(4;226) = 0,715$ ;  $p = 0,583$ ). No entanto, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que se relacionam “Menos de uma vez por Semana” com pessoas idosas da família, tendo uma média de 16,4 (DP=4,72), seguidos pelos estudantes que se relacionam com pessoas idosas da família “Uma vez por Semana”, com uma média de 16,2 (DP=4,01). Seguidamente encontram-se os estudantes que “Nunca” se relacionam com pessoas idosas, com uma média de 15,9 (DP=4,76), depois segue-se os estudantes que se relacionam “Duas a três vezes por Semana” com pessoas idosas, com uma média de 15,5 (DP=4,30). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que se relacionam com estes “Todos os Dias”, com uma média de 15,0 (DP=4,19).

Por fim, quanto ao fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que “Nunca” se relacionam com pessoas idosas da família, tendo uma média de 22,5 (DP=2,70), seguidos pelos estudantes que se relacionam “Todos os Dias” com pessoas idosas da família, com uma média de 22,0 (DP=3,38). Seguidamente encontram-se os estudantes que se relacionam “Duas a três vezes por Semana” com pessoas idosas, com uma média de 21,7 (DP=3,31), depois segue-se os estudantes que se relacionam “Uma vez por Semana” com pessoas idosas, com uma média de 21,3 (DP=2,93). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que se relacionam “Menos de uma vez por Semana” com estes, com uma média de 20,9 (DP=2,61). No entanto, estes dados não apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas ( $F(4;226) = 1,136$ ;  $p = 0,340$ ). Os resultados apresentados podem ser observados na tabela 13.

**Tabela 13 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes com o contacto intergeracional com pessoas idosas da Família (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df (B;W)	F
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Nunca	11	33,6	6,98	4;226	0,328
Menos de uma vez por semana	44	34,0	6,46		
Uma vez por semana	77	34,9	6,24		
Duas a três vezes por semana	71	34,3	7,92		
Todos os dias	28	33,4	7,57		

**Incompetência relacional e cognitiva**

Nunca	11	15,9	4,76	4;226	0,715
Menos de uma vez por semana	44	16,4	4,72		
Uma vez por semana	77	16,2	4,01		
Duas a três vezes por semana	71	15,5	4,30		
Todos os dias	28	15,0	4,19		

**Maturidade, Atividade e Afetividade**

Nunca	11	22,5	2,70	4;226	1,136
Menos de uma vez por semana	44	20,9	2,61		
Uma vez por semana	77	21,3	2,93		
Duas a três vezes por semana	71	21,7	3,31		
Todos os dias	28	22,0	3,38		

Nota: \* p <0,05; \*\* p <0,01; \*\*\* p <0,001

Em relação ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de estudantes ( $F(4;226) = 0,505$ ;  $p = 0,732$ ). No entanto, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que “Nunca” se relacionam com pessoas idosas não familiares, tendo uma média de 35,7 (DP=7,30), seguidos pelos estudantes que se relacionam “Duas a três vezes por Semana”, com uma média de 35,3 (DP=7,62). Continuamente encontram-se os estudantes que se relacionam “Menos de uma vez por Semana” com idosos não familiares ( $M=34,3$ ;  $DP=6,54$ ), seguindo-se os estudantes que se relacionam “Todos os Dias” ( $M=33,7$ ;  $DP=7,40$ ). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que se relacionam com idosos “Uma vez por Semana”, com média de 33,6 (DP=7,03).

No fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que “Nunca” se relacionam com pessoas idosas não familiares, tendo uma média de 17,5 (DP=5,43), seguidos pelos estudantes que se relacionam “Uma vez por Semana” ( $M=15,9$ ;  $DP=4,54$ ). Seguidamente encontram-se os estudantes que se relacionam “Menos de uma vez por Semana” com idosos não familiares, com uma média de 15,8 (DP=3,93), sucedendo-se os estudantes que se relacionam “Duas a três vezes por Semana”, com uma média de 15,7 (DP=4,08). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que se relacionam “Todos os Dias” com os idosos, com uma média de 15,5 (DP=4,29). No entanto, estes dados não apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas ( $F(4;226) = 0,542$ ;  $p = 0,705$ ).

Por fim, quanto ao fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, os estudantes que apresentam mais estereótipos e imagens sobre o idoso e o envelhecimento são os que se relacionam “Todos os Dias” com pessoas idosas não familiares, tendo uma média de 22,2 (DP=3,16), seguidos pelos estudantes que se relacionam “Uma vez por Semana”, com uma média de 22,0 (DP=3,19). Seguidamente encontram-se os estudantes que se relacionam “Duas a três vezes por Semana” com idosos não familiares ( $M=21,6$ ;  $DP=3,31$ ), seguindo-se os

estudantes que se relacionam “Menos de uma vez por Semana”, com uma média de 20,9 (DP=2,71). Por fim, os estudantes que apresentam menos imagens e estereótipos sobre o idoso e envelhecimento são os que “Nunca” se relacionam com estes, com uma média de 20,4 (DP=3,07). No entanto, estes dados não apontam para a existência de diferenças estatisticamente significativas ( $F(4;226) = 2,110$ ;  $p = 0,080$ ). Os resultados apresentados podem ser observados na tabela 14.

**Tabela 14 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes com o contacto intergeracional com pessoas idosas não sendo da Família (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df (B;W)	F
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Nunca	13	35,7	7,30	4;226	0,505
Menos de uma vez por semana	86	34,3	6,54		
Uma vez por semana	61	33,6	7,03		
Duas a três vezes por semana	40	35,3	7,62		
Todos os dias	31	33,7	7,40		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>					
Nunca	13	17,5	5,43	4;226	0,542
Menos de uma vez por semana	86	15,8	3,93		
Uma vez por semana	61	15,9	4,54		
Duas a três vezes por semana	40	15,7	4,08		
Todos os dias	31	15,5	4,29		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>					
Nunca	13	20,4	3,07	4;226	2,110
Menos de uma vez por semana	86	20,9	2,71		
Uma vez por semana	61	22,0	3,19		
Duas a três vezes por semana	40	21,6	3,26		
Todos os dias	31	22,2	3,16		

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$

- **Averiguar se existem diferenças nas imagens do envelhecimento em estudantes universitários que residem ou não com idosos.**

No que diz respeito ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado”, não se verificam diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = -0,334$ ;  $p = 0,739$ ), sendo que é no grupo dos estudantes que não reside com idosos, que surge uma média de 34,4 (DP=6,66), superior à média presente nos estudantes universitários que residem com pessoas idosas ( $M=33,9$ ; DP=8,77).

Em relação ao fator “Incompetência Relacional e Cognitiva”, também não se apuram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos de estudantes ( $t(229) = -0,086$ ;  $p = 0,931$ ). No entanto, os indivíduos que não residem com idosos apresentam uma média de 15,9 (DP=4,29), superior à média apresentada pelos alunos que residem com pessoas idosas (M=15,8; DP=4,34).

Por fim, no fator “Maturidade, Atividade e Afetividade”, os estudantes universitários que residem com idosos apresentam uma média de 21,4 (DP=3,28), inferior à média do grupo de estudantes que não reside com idosos (M=21,5; DP=3,02), não se verificando, portanto, diferenças estatisticamente significativas ( $t(229) = -0,212$ ;  $p = 0,832$ ). Estes resultados podem ser observados na tabela 15.

**Tabela 15 - Resultados para a comparação de estereótipos e imagens do envelhecimento nos estudantes, segundo o Residir ou não com pessoas idosas (n=231).**

	N	Média	Desvio Padrão	Df	t
<b>Dependência, Tristeza e Antiquado</b>					
Sim	34	33,9	8,77	229	-0,334
Não	197	34,4	6,66		
<b>Incompetência relacional e cognitiva</b>					
Sim	34	15,8	4,34	229	-0,086
Não	197	15,9	4,29		
<b>Maturidade, Atividade e Afetividade</b>					
Sim	34	21,4	3,28	229	-0,212
Não	197	21,5	3,02		

Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ ; \*\*\*  $p < 0,001$

## 8. Discussão dos Resultados

No estudo efetuado evidenciaram-se os fatores de “Dependência, Tristeza e Antiquado”, “Incompetência Relacional e Cognitiva” e “Maturidade, Atividade e Afetividade”, propostos pelas autoras Sousa, Cerqueira e Galante (2008), sobre as imagens e estereótipos do envelhecimento. Cada um destes fatores é complexo, uma vez que abarcam determinadas características, desde afetivas, sociais, cognitivas e físicas (Ribeiro & Sousa, 2008). Destes fatores identificados, os dois primeiros são de cariz negativo e o terceiro de índole positivo, o que demonstra deste modo que as imagens negativas são mais complexas e dispersas, sendo as positivas mais claras e integradas.

Partindo da análise dos resultados obtidos das médias para a amostra global, denota-se que tanto para o fator “Dependência, Tristeza e Antiquado” ( $M=34,3$ ) como para o fator de “Maturidade, Atividade e Afetividade” ( $M=21,5$ ) indicam-se valores moderados. No fator “Incompetência relacional e cognitiva” ( $M=15,9$ ) a média é mais baixa, indicando uma tendência dos inquiridos para discordar com este fator. Deste modo, observa-se que as imagens são multidimensionais, complexas e contraditórias, indicando a tendência para uma sociedade onde as imagens do idoso e o envelhecimento não estão ainda bem definidas (Hummert, 1990; Schmidt & Boland, 1986; Sousa, Cerqueira e Galante, 2008).

Assim, e comparando com o estudo de Sousa, Cerqueira e Galante (2008) observa-se neste estudo, de forma geral, que as imagens e estereótipos negativos do idoso e do envelhecimento tendem a prevalecer acima das imagens e estereótipos positivos, surgindo principalmente imagens de dependência, tristeza, solidão, perda de capacidade física e doença. Este dado vem dar resposta ao grande objetivo proposto, em que se afere que os estereótipos e imagens que os estudantes possuem sobre o idoso e o envelhecimento são maioritariamente negativos.

Os resultados obtidos neste estudo corroboram aquilo que é referido em alguma da literatura, onde os jovens e adultos tendem a apresentar imagens de envelhecimento predominantemente negativas (Jackson e Sullinvan, 1988 cit in Sousa & Cerqueira, 2005). Estes resultados apoiam ainda a visão de MacTavish (1971 cit in Nunes, 2009), que tendo em conta as suas diversas pesquisas, revela que entre um quinto a um terço dos jovens e adultos descrevem os idosos e o envelhecimento de forma negativa. Também ao nível dos resultados auferidos para as imagens e estereótipos sobre o idoso e o envelhecimento, verifica-se que tendem a ser maioritariamente relacionados com a dependência, fragilidade e tristeza o que vai ao encontro do estudo efetuado pelos autores Cathalifaud, Thumala, Urquiza e Ojeda (2007). Ao contrário dos resultados presentes neste estudo, os estudos de Magalhães (2010), Rodriquez e Postigo (2004) e Royo *et al.* (2006) referem não existir um predomínio de estereótipos negativos, mas sim uma tendência por parte dos jovens, para uma imagem mais positiva acerca dos idosos e da velhice.

Relativamente às variáveis sociodemográficas, e no que diz respeito à variável Género, os resultados indicam diferenças extremamente significativas, em que os homens estudantes

universitários apresentam mais imagens e estereótipos negativos associados ao idoso e ao envelhecimento que as mulheres. No entanto, os estereótipos e imagens menos associadas por estes dizem respeito a imagens de “Maturidade, Atividade e Afetividade”. Isto sugere que as mulheres associam mais o idoso e a fase de envelhecimento à sabedoria, ao ser afetuoso e ativo, enquanto os homens focam-se mais nas perdas que estão envoltas com a velhice (dependência, deterioração física e psicológica). Estes dados vêm assim corroborar determinados estudos indicando que as mulheres evidenciam mais imagens positivas, principalmente quando se encontram em fase de transição para a velhice (Woolf, 1998). Estes resultados vão ainda também ao encontro do estudo de Sousa e Cerqueira (2006) onde se verifica que os homens atribuem aos idosos do mesmo sexo e não às mulheres, imagens de incapacidade e dependência. Por outro lado, as mulheres que atribuem às pessoas idosas do mesmo sexo imagens de incapacidade e dependência é porque poderão sentir limitações ao realizar essas atividades.

Em relação ao curso os resultados demonstram diferenças extremamente significativas, sendo que o curso de Economia é o que apresenta mais estereótipos e imagens de envelhecimento negativos, seguido por Marketing, Sociologia, Gestão, Psicologia do 2º ciclo, Cursos Via Ensino do 2º ciclo e por fim, o curso de Psicologia. Também se observa que os cursos que obtêm mais imagens positivas, de “Maturidade, Atividade e Afetividade” são Psicologia do 2º ciclo, Psicologia, Gestão, Sociologia, cursos de Via Ensino do 2º ciclo, Economia e por fim Marketing. Uma explicação apontada para estes dados obtidos refere-se aos conteúdos sobre o envelhecimento que os diversos cursos possam ter proporcionado aos alunos ao longo da sua formação. Segundo a perceção dos alunos, observa-se que os conteúdos abordados sobre o envelhecimento ao longo da formação superior, só se evidenciam claramente em alguns cursos, apontando-se assim uma tendência para que os estudantes com baixos índices de conteúdos sobre o envelhecimento nos cursos possuam mais imagens e estereótipos acerca do envelhecimento. Ao mesmo tempo, os estudantes que tiveram conteúdos ao longo da sua formação como é o caso de Psicologia e ambos os cursos de 2º ciclo, possuem menos estereótipos e imagens associadas aos idosos e ao envelhecimento. Estes dados corroboram o estudo de Todaro (2009 cit in Sena, 2011) que refere que a Escola como instituição social deve inserir nos seus conteúdos a temática do envelhecimento, assim como nas Universidades de maneira a diminuir o preconceito e fomentar a inclusão social dos idosos. Também a autora Maltempi (2006), reflete sobre este assunto na medida em que é nesta fase de juventude que é o melhor momento para se pensar na questão do envelhecimento, mudando deste modo certas crenças enraizadas. No mesmo sentido, também Dorfman, Murty, Ingram, Evans e Power (2004 cit in Palmeirão & Menezes, 2009) e Gázquez, Pérez-Fuentes, Fernández, González, Ruiz e Díaz (2009) referem, que a educação e formação acerca do envelhecimento e educação intergeracional contribuem para a mudança de atitudes, crenças e estereótipos, em qualquer que seja o nível escolar. É fundamental em contexto educativo e pedagógico que se clarifique certas noções e que se implemente conteúdos ou mesmo unidades curriculares acerca do envelhecimento,

conduzindo à desconstrução de certas imagens e estereótipos veiculadas na sociedade. Ao isto ser possível, traduz-se numa melhoria da qualidade de vida, tanto nos idosos como nos próprios alunos, que serão os futuros profissionais.

Relativamente à Idade, os resultados sugerem que os indivíduos mais novos (18 aos 25 anos e 26 aos 33 anos) têm mais imagens e estereótipos de “Dependência, Tristeza e Antiquado” acerca do idoso e envelhecimento que os estudantes mais velhos (34 aos 59 anos) ainda assim são também os mais novos com idades entre os, 18 e 25 anos e 26 e 33 anos, que mais associam o idoso à “Maturidade, Atividade e a alguém como sendo Afetuoso e Carinhoso”. Estes resultados vêm assim apoiar os estudos de Lehr (1977/1980 cit in Magalhães, Fernandes, Antão & Anes, 2010), Lorge (1953 cit in Nunes, 2009), Lutsky (1980 cit in Sousa & Cerqueira, 2005), Molina (1998 cit in Oliveira, 2008) e Sousa, Cerqueira & Galante (2008) onde se refere que quanto mais novos os indivíduos forem, mais atitudes negativas têm em relação aos idosos. Observa-se ainda, de forma específica, no que diz respeito ao fator “Dependência, Tristeza e Antiquado” que são os mais jovens com idades compreendidas entre os 18 e 25 anos que apresentam mais imagens em relação aos idosos de fragilidade, solidão e dependência o que vem corroborar os estudos de Cathalifaud, Thumala, Urquiza e Ojeda (2007), Marín, Troyano e Vallejo (2001 cit in Magalhães, 2010), Newman, Faux e Laurimer (1997 cit in Lopes & Park, 2007) e Pinguart, Wenzel e Sörensen (2000). Estes dados de que são os mais novos que apresentam mais imagens e estereótipos de dependência e perda de capacidades físicas pode estar associado ao facto de como a imagem do idoso é veiculada pelos meios de comunicação, que tal como referem os autores Hummert, Garstka e Shaner (1997 cit in Magalhães, 2010) é transmitida uma cultura anti-envelhecimento que está visível pelo aumento do número de programas televisivos e de campanhas publicitárias, cuja mensagem visa o combate das alterações inerentes ao envelhecimento natural, enfatizando-se a juventude e a beleza física.

Em relação ao Local de Proveniência não existem diferenças estatisticamente significativas embora se denote que os estudantes provenientes do meio rural apresentem mais estereótipos e imagens de envelhecimento negativos de dependência que os estudantes de meio urbano. Estes resultados vão de encontro ao estudo realizado por Walker (2003 cit in Lopes, 2010), onde também não se verificaram diferenças significativas entre os estereótipos de envelhecimento e local de residência, indicando assim que a localização geográfica não tinha um impacto significativo nos estereótipos de velhice e envelhecimento.

Relativamente ao contacto intergeracional que os estudantes têm com pessoas idosas da família e não familiares, os dados também não apontam para diferenças estatisticamente significativas. No entanto encontra-se uma tendência para que os estudantes que tenham um relacionamento frequente com os idosos reduzam as imagens e estereótipos negativos acerca destes. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Abrams, Crisp, Marques, Fagg, Bedford e Provias (2008) onde observaram que através do contacto direto entre gerações, é possível mudar as atitudes para com os idosos e o envelhecimento, assim como, reduzir a ameaça de

estereótipos, promovendo desta forma uma maior responsabilidade, solidariedade e enriquecimento entre as gerações. Também estes dados vão ao encontro dos autores Trent, Glass e Crockett (1979 cit in Nunes, 2009), Greenblatt (1982 cit in Nunes, 2009); Newman, Lyons e Onawola (1985 cit in Nunes, 2009), Quintero e Ason (1983 cit in Nunes, 2009), que revelam que o contacto intergeracional e programas que visem esse contacto são uma mais-valia à atenuação de imagens e estereótipos adotados pelos mais jovens. Ainda assim, é de salientar que esta variável apresenta limitações na forma como foi operacionalizada, uma vez que poderiam ter sido colocadas outras questões de apoio.

No que se refere ao facto de os estudantes residirem ou não com idosos, os resultados indicam que não existem diferenças estatisticamente significativas. No entanto, os dados apontam para que os estudantes que residem com idosos apresentem menos imagens e estereótipos de “Dependência, Tristeza e Antiquado” e “Incompetência Relacional e Cognitiva” acerca do idoso e envelhecimento. Estes resultados opõem-se nitidamente ao estudo do autor Pascual *et al.* (1997 cit in Magalhães, 2010) onde constataram que os jovens estudantes que conviviam mais com idosos possuíam uma pior imagem acerca da velhice, pois temiam-na mais.

## 9. Conclusão

Este estudo evidenciou, de uma forma geral, que os estudantes inquiridos da Universidade da Beira Interior tendem a perceber o idoso e o envelhecimento de um modo negativo, associando-o a imagens e a estereótipos de dependência, solidão, tristeza, incompetência e doença, percebendo a velhice como uma fase difícil da vida. No entanto, também podem ser percebidas imagens positivas em relação ao idoso e ao envelhecimento, associadas a bem-estar, maturidade, sabedoria, bondade, afetividade e atividade.

Os resultados apontam para a complexidade que está envolta na velhice e envelhecimento, dado se tratar de uma fase da vida tanto desejada como também temida por alguns (Berger & Mailloux-Poirier, 1995; Hummert, 1990; Magalhães, 2010; Schneider & Irigaray, 2008; Sousa, Cerqueira & Galante, 2008 Walsh, 1989).

A subjetividade do próprio processo de envelhecimento ficou patente neste estudo, no sentido de que a percepção que se tem sobre o envelhecimento pode variar de indivíduo para indivíduo e conforme as variáveis que são cruzadas, como o caso do género, idade, curso e conteúdos abordados, local de proveniência e contacto intergeracional.

Atendendo aos dados da literatura analisada, este estudo parece indicar que de facto, estamos a assistir a novos problemas sociais, uma vez que a própria sociedade não se conseguiu adaptar às crescentes mudanças emergentes, verificando-se assim que as atitudes, imagens e estereótipos para com os idosos e o envelhecimento estão bem patentes. Também a própria sociedade através das relações e interações diárias para com as pessoas idosas tende a transmitir crenças e atitudes que por vezes são erradas. Observa-se ainda que as próprias Escolas e Universidades, como sendo instituições sociais, não estão a preparar os futuros profissionais de acordo com esta questão do envelhecimento.

Sendo o objetivo geral deste estudo conhecer as imagens e estereótipos do envelhecimento em estudantes da Universidade da Beira Interior, verificou-se que são os estudantes do sexo masculino que mais detêm imagens negativas, que quanto mais se avança na idade menos estereótipos e imagens negativas se possui, que os estudantes de meio rural têm mais imagens de dependência e estereótipos sobre o envelhecimento e o idoso, que os cursos que detêm menos imagens e estereótipos acerca do idoso e do envelhecimento são os que obtiveram conteúdos sobre o envelhecimento ao longo da formação, que as imagens tendem a diminuir conforme a frequência do contacto intergeracional e por fim, que os indivíduos que residem com idosos têm menos imagens negativas e estereótipos de envelhecimento.

Dos vários objetivos traçados para este estudo em função das distintas variáveis independentes analisadas, constatou-se que o género e o curso foram as variáveis que mais diferenças estatisticamente significativas apontaram.

De forma mais particular, denota-se que as imagens e estereótipos de orientação negativa que mereceram maior concordância pela amostra referem-se à dependência da

pessoa idosa, uma vez que esta requer maior preocupação, necessidade de atenção e sofre mais de solidão que os mais jovens e a imagens e estereótipos de decadência da imagem física que é resultante do envelhecimento primário. Quanto às imagens de dependência, evidenciam a percepção da velhice como um problema social (Fernandes, 1997 cit in Magalhães, 2010), que é resultado de repercussões inerentes a um crescente envelhecimento populacional. Deste modo, é necessária a mobilização de recursos humanos e materiais de apoio, assim como de esforços e atenções que contribuam para a satisfação com o ser idoso e o envelhecimento, que tem sido alvo de comparações erradas, como é o caso de ser equiparado a pobreza, falta de recursos, solidão, doença e segregação.

Em relação às potencialidades deste estudo pode ser salientado o facto de ter sido um tema pouco abordado ao nível da investigação nacional, pois não se verificaram muitos estudos referentes às imagens e estereótipos sobre o idoso e o envelhecimento em contexto universitário. Também, dado ser importante analisar as imagens em estudantes em formação pois serão estes os futuros profissionais e, ainda o facto de se alertar para a importância do estudo destas questões.

Relativamente às limitações deste estudo, há que ressaltar que estes resultados se referem a dados recolhidos num determinado contexto sociocultural onde estão inseridos os estudantes, o que significa que estes resultados não servem de referência a outros contextos. No entanto, esta elevada diferenciação de imagens e estereótipos pode ser uma vantagem, na medida em que ao explorar-se as diversas variáveis que estas influenciam, poder-se-á promover uma imagem positiva em relação ao idoso e ao envelhecimento. Também outra limitação apontada prende-se com o facto de a amostra ser por conveniência, onde se poderia ter abrangido outros cursos.

Algumas implicações práticas podem ser encontradas neste estudo como o facto de que mais conteúdos sobre o envelhecimento nos cursos podem potenciar a construção de melhores percepções e imagens do idoso e envelhecimento mais positivos, dado que os estudantes universitários que obtiveram conteúdos sobre o envelhecimento ao longo da sua formação detêm menos imagens e estereótipos de envelhecimento que os alunos que não tiveram conteúdos acerca do envelhecimento.

Uma outra implicação pedagógica refere-se com o facto de ser fundamental criar-se mais alianças entre as diferentes gerações, como os programas intergeracionais, para que, em conjunto, contribuam para o melhorar dos relacionamentos e da sociedade, proporcionando também uma melhor qualidade de vida na velhice. Estas práticas educativas surgem associadas a um processo participativo de afirmação dos sujeitos e a uma construção de cidadania, devendo assim abrir espaços para o diálogo, no qual seja valorizada a forma como cada pessoa encara o seu quotidiano, as dificuldades que enfrenta e no caso particular dos idosos, as alternativas que utilizam no atual contexto social. Esta educação intergeracional contribui deste modo para a cidadania, respeito mútuo, coesão social, transmissão e aquisição de conhecimentos e para a valorização da história de vida de cada um.

A evolução das sociedades anda lado a lado com o respeito cívico que se deve ter face a todos os membros, independentemente da idade que se tenha. É neste sentido que para prevenir e combater imagens e estereótipos negativos, assim como atitudes discriminatórias, deve-se zelar pelo dever cívico, o que pressupõe combater as imagens e estereótipos negativos que continuam a manter-se na sociedade atual.

Com este estudo e devido às transformações nas sociedades atuais, pode ser o ponto de partida para uma investigação mais aprofundada, demonstrando também que pode ser um trabalho com grandes potencialidades para uma continuação e desenvolvimentos posteriores.

Neste sentido verifica-se que era interessante analisar a evolução das imagens e estereótipos do idoso e envelhecimento, ao longo dos anos, tratando-se deste modo de um estudo longitudinal. Seria importante a análise num mesmo contexto universitário, abrangendo mais cursos e vários anos escolares, obtendo assim uma maior perceção da realidade que se vivencia.

## Referências Bibliográficas

- Abrams, D., Crisp, R. J., Marques, S., Fagg, E., Bedford, L. & Provias D. (2008). Threat Inoculation: Experienced and Imagined Intergenerational Contact Prevents Stereotype Threat Effects on Older People's Math Performance. *Psychology and Aging*, 23 (4), 934-939.
- Afonso, R. M., Branco, M. L., Esgalhado, M. G., Simões, M. F. & Pereira, H. (2010). Considerações sobre os Programas Intergeracionais em Portugal. *International Journal of Developmental and Education Psychology*, 4, 751-756.
- Andrade, F. J. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: Contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- António, S. (2010). *Avós e Netos: relações intergeracionais. A matrilinearidade dos afetos*. Lisboa: Edições do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Araújo, L. F. & Carvalho, V. A. (2005). Aspetos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. *Revista de Humanidades - Mneme*, 6 (13), 1-12.
- Araújo, L. F., Coutinho, M. P. & Carvalho, V. M. (2005). Representações Sociais da Velhice entre Idosos que participam de Grupos de Convivência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 25 (1), 118-131.
- Araújo, L. F., Coutinho, M. P. & Santos, M. F. (2006). O Idoso nas Instituições Gerontológicas: Um estudo na Perspetiva das Representações Sociais. *Psicologia & Sociedade*; 18 (2), 89-98.
- Ariés, P. (1986). *História social da criança e da família* (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Azevedo, J. (2006). Os avós do século XXI: desafios para a escola e a universidade. In A. T. Matos & M. F. Lages (Org.), *Povos e culturas - Os avós como educadores*, 10, 61-64. Lisboa: CEPCEP.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice* (5a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berger, L. & Mailloux-Poirier, D. (1995). *Pessoas Idosas - Uma Abordagem Global*. Lisboa: Lusodidacta. Retirado em 21 de Dezembro de 2011 em: <http://www.youblisher.com/p/168044-Pessoas-Idosas-Uma-abordagem-global-Louise-Berger-Danielle-Mailloux-Poirier/>.
- Bôas, L. P. (2004). Teoria das Representações Sociais e o conceito de emoção: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. *Psicologia da Educação*, 19, 143-166.
- Bowling, A. (2008). Enhancing later life: How older people perceive active ageing? *Aging & Mental Health*, 12 (3), 293-301.

- Brewer, M., Dull, V. & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: stereotypes and prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41 (4), 656-670.
- Carneiro, R. (2004). *A educação primeiro*. Lisboa: Fundação Manuel Leitão.
- Carvalho, M. J. (2006). A actividade física na terceira idade e as relações intergeracionais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20, 71-72.
- Carvalho, P. & Pinho, A. (2006). Legislação e programas de apoio para o idoso. In H. Firmino (Org.), *Psicogeriatrics* (201-213). Coimbra: Almedina.
- Cathalifaud, M. A., Thumala, D., Urquiza, A. & Ojeda, A. (2007). La vejez desde la mirada de los jovens chilenos: Estudio Exploratorio. *Ultima Década*, 27, 75-91.
- Chen, N. (1997). Building Bridges - An Intergenerational Program. *Journal of Extension*, 35 (5). Retirado em 21 de Dezembro de 2011 em: <http://www.joe.org/joe/1997october/iw2.php>.
- Comissão Europeia. (2011a). *How to promote active ageing in Europe: EU support to local and regional actors*. AGE Platform Europe. Retirado em 21 de dezembro de 2011 em: <http://www.idf.org/sites/default/files/idf-europe/EY2012%20how%20to%20promote%20active%20ageing%20to%20Europe%3B%20EU%20support%20to%20local%20and%20regional%20actors.pdf>.
- Comissão Europeia. (2011b). *2012 European Year for Active Ageing and Solidarity between Generations*. AGE Platform Europe. Retirado em 21 de dezembro de 2011 em: <http://www.globalaging.org/elderrights/world/2011/european%20year.pdf>.
- Comité de Direitos Económicos, Sociais e Culturais. (2002). *Direitos Humanos e Pessoas Idosas*. Nações Unidas.
- Comité Económico e Social Europeu (2010). *Parecer sobre a Proposta de Decisão do Parlamento Europeu e do Conselho relativa ao Ano Europeu do Envelhecimento Ativo (2012)*. Retirado em 30 de dezembro de 2011 em: <http://eesc.europa.eu/>.
- Coutrim, R. M., Boroto, I. G., Vieira, L. C. & Maia, I. O. (2007). O que os Avós Ensinam aos Netos? A influência da Relação Intergeracional na Educação Formal e Informal. In *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia* (1-15). Universidade Federal de Ouro Preto: Recife. Retirado em 05 de novembro de 2011 em: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.sbsociologia.com.br%2Fportal%2Findex.php%3Foption%3Dcom\\_docman%26task%3Ddoc\\_download%26gid%3D572%26Itemid%3D171&ei=\\_BsDT5v1GczJ8gPVobyAQ&usq=AFQjCNEfcNjdzalydiwbCbFRSoq-OnVRPQ&sig2=Kvoy89yU6Wfs3HgulhjQBg](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCkQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.sbsociologia.com.br%2Fportal%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D572%26Itemid%3D171&ei=_BsDT5v1GczJ8gPVobyAQ&usq=AFQjCNEfcNjdzalydiwbCbFRSoq-OnVRPQ&sig2=Kvoy89yU6Wfs3HgulhjQBg).
- Dellmann-Jenkins, M. (1997, dezembro 01). A senior-centered model of intergenerational programming with young children. *Journal of Applied Gerontology*, 16 (4), 495-506.

Retirado em 10 de dezembro em: <http://www.accessmylibrary.com/article-1G1-20255819/senior-centered-model-intergenerational.html>.

- Dellmann-Jenkins, M., Lambert, D. & Fruit, D. (1991). Fostering preschoolers' prosocial behavior toward the elderly: The effect of an intergenerational program. *Educational Gerontology, 17*, 21-32.
- Dias, C. M. & Silva, M. A. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo, 8*, 55-62.
- Doise, W. (1985). Les représentations sociales: definition d'un concept. *Connexions, 45*, 243-252.
- Doise, W. (2001). Atitudes e representações sociais. In D. Jodelete (Org.), *As representações sociais (187-203)*. Rio de Janeiro: Edições da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Doise, W., Clemence, A., & Lorenzi-Cioldi, F. (1992). *Représentations sociales et analyses de données*. Grenoble: Presses Universitaires de France.
- Doll, J., Gomes, Â., Hollerweger, L., Pecoits R. M & Almeida, S. T. (2007). Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento, 12*, 7-33.
- Elsner, V. R., Pavan, F. & Guedes, J. M. (2007). Violência contra o idoso: ignorar ou atuar? *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, 4 (2)*, 46-54.
- Esquivel, L. R., Calleja, A. M., Hernández, I. M., Medellín, M. P. & Paz, M. T. (2009). Aportes para una conceptualización de la vejez. *Revista de Educación y Desarrollo, 11*, 47-56.
- Farr, R. M. (1998 a). Representações sociais: A teoria e sua história. In Guareschi, P. & S. Jovchelovitch (Org.), *Textos em representações sociais (31-59)*. Petrópolis: Vozes.
- Farr, R. M. (1998 b). *As raízes da psicologia social moderna*. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira-Alves, J. & Novo, R. F. (2006). Avaliação da discriminação social de pessoas idosas em Portugal. *International Journal of clinical and health Psychology, 6 (1)*, 65-77.
- Ferrigno, J. C. (2006). A coeducação entre gerações. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 20 (5)*, 67-69.
- Ferrigno, J. C. (2009). *O conflito de gerações: Atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo: Brasil.
- Filho, H. R., Koch, L. F., Bisinelli, J. C., Moysés, S. J., Moysés, S. T. & França, B. H. (2007). Um Instrumento de Pesquisa para a investigação de informações sobre o envelhecimento humano no Brasil: o questionário de Palmore adaptado. *Revista de Clínica e Pesquisa Odontológica, 3 (2)*, 89-100.

- Gázquez, J. J., Pérez-Fuentes, M. C., Fernández, M., González, L., Ruiz, I. & Díaz, A. (2009). Old-age stereotypes related to the Gerontology Education: A intergenerational study. *European Journal of Education and Psychology*, 2 (3), 263-273.
- Giddens, A. (1999). *Para uma terceira via: A renovação da social-democracia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Giddens, A. (2002). *O mundo na Era da globalização. (4a ed.)*. Lisboa: Editorial Presença.
- Giddens, A. (2007). *Sociologia (5a ed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Görgen, H. M. (1991). *Ensaio*. Rio de Janeiro: Presença Edições.
- Guimarães, E. C. (2007). Reflexões sobre a velhice. *CES Revista On-line*, 21, 11-23.
- Harper, S. (2006). Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. In A. T. Matos & M. F. Lages (Org.), *Povos e culturas - Os avós como educadores*, 10, 25-38. Lisboa: CEPCEP.
- Hatton-Yeo, A. & Ohsako, T. (2000). *Intergenerational Programmes: public policy and research implications: an international perspective*. Hamburg: Unesco Institute for Education & Beth Johnson Foundation.
- Hummert, M. L. (1990). Multiple stereotypes of elderly and young adults: A comparison of structure and evaluations. *Psychology and Aging*, 5, 82-193.
- Hummert, M. L., Garstka, T. A., Shaner, J. L. & Strahm, S. (1994). Stereotypes of the elderly held by young, middle-aged, and elderly adults. *Journals of Gerontology*, 49, 240-249.
- Instituto Nacional de Estatística. (2009). *Projeções da População residente em Portugal 2008-2060*. Retirado em 24 de outubro de 2011 em: [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=65573359&DESTAQUEStema=00&DESTAQUESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=65573359&DESTAQUEStema=00&DESTAQUESmodo=2).
- Jacob, L. (Org.). (2007). *Animação de Idosos*. Porto: Âmbar.
- Jodelet, D. (1997). Representations sociales: un domaine en expansion. In D. Jodelet (Org.), *Les représentations sociales (47-78)*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Kite, M. & Wagner, L. (2002). Attitudes toward older and younger adults. In T. Nelson (Org.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons (129-161)*. Cambridge, MA: MIT Press. Retirado em 24 de outubro de 2011 em: [http://books.google.pt/books?hl=pt-BR&lr=&id=UvxEoFQOLYwC&oi=fnd&pg=PR9&dq=Ageism:+Stereotyping+and+prejudice+against+older+persons&ots=zXVf8NLTvj&sig=7\\_iQ6z-5jE3tQ\\_ZMqYafX\\_kFpbk&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Ageism%3A%20Stereotyping%20and%20prejudice%20against%20older%20persons&f=false](http://books.google.pt/books?hl=pt-BR&lr=&id=UvxEoFQOLYwC&oi=fnd&pg=PR9&dq=Ageism:+Stereotyping+and+prejudice+against+older+persons&ots=zXVf8NLTvj&sig=7_iQ6z-5jE3tQ_ZMqYafX_kFpbk&redir_esc=y#v=onepage&q=Ageism%3A%20Stereotyping%20and%20prejudice%20against%20older%20persons&f=false).

- Laidlaw, K., & Pachana, N. (2009). Aging, mental health, and demographic change: Challenges for psychotherapists. *Professional Psychology: Research and Practice*, 40 (6), 601-608.
- Lopes, M. (2010). *Imagens e Estereótipos de Idoso e de Envelhecimento em Idosos Institucionalizados e não Institucionalizados*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade da Beira Interior: Covilhã.
- Lopes, E. S. & Park, M. B. (2007). Representação social de crianças acerca do velho e do Envelhecimento. *Estudos de Psicologia*, 12 (2), 141-148.
- Magalhães C. P., Fernandes A., Antão C. & Anes E. (2010). Repercussão dos estereótipos sobre as pessoas idosas. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, III (2), 7-16.
- Magalhães, C. P. (2010). Estereótipos acerca das pessoas idosas em estudantes do ensino superior, no distrito de Bragança. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (2), 815-825.
- Maltempì, M. (2006). Co-Educação: Uma proposta intergeracional. *Revista Unitoledo*, 2 (2), 1-15.
- Martins, R. M. (2006). Envelhecimento e Políticas Sociais. *Revista do Instituto Politécnico de Viseu*, 32, 126-140.
- Monchietti, A. & Sánchez, M. L. (2008). Acerca de la génesis de la representación social de la vejez. *Revista Argentina de Sociología*, 6 (10), 143-150.
- Moñivas, A. (1998). Representaciones de la vejez: Modelos de Disminución y de Crecimiento. *Anales de psicología*, 14 (1), 13-25.
- Monteiro, M. & Santos, M. R. (1999). *Psicologia* (Vol. I). Porto: Porto Editora.
- Maroco, J. (2003). *Análise Estatística com utilização do SPSS* (2a ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco J. & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 65-90.
- Moscovici, S. & Hewstone, A. (1985). De la ciência al sentido comum. In S. Moscovici, (Org.), *Psicologia Social* (Vol. I, 679-710). Barcelona: Paidós.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Org.), *Social Cognition: perspectives on everyday understanding* (181-209). London: Academic Press.
- Moscovici, S. (2000). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Org.), *Social representations: explorations in social psychology* (209-247). Cambridge: Polity Press.
- Retirado em 16 de outubro de 2011 em: <http://books.google.pt/books?hl=pt>

[BR&lr=&id=Nvz5Y8e1N84C&oi=fnd&pg=PA209&dq=The+history+and+actuality+of+social+representations.&ots=SuNNP8q7Pr&sig=HL7yWTUYTSCrqqo72HVzWZPtIDY&redir\\_esc=y#v=onepage&q=The%20history%20and%20actuality%20of%20social%20representations.&f=false](http://www.scribd.com/doc/28974536/Texto-2-O-fenomeno-das-Representacoes-Sociais).

Moscovici, S. (2003). O fenómeno das representações sociais. In S. Moscovici (Org.), *Representações sociais: investigações em psicologia social* (29-109). Petrópolis: Vozes. Retirado em 04 de outubro de 2011 em: <http://pt.scribd.com/doc/28974536/Texto-2-O-fenomeno-das-Representacoes-Sociais>.

Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nunes, L. N. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de Coimbra: Coimbra.

Oliveira, M. S. (2004). Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19 (55), 180-186.

Oliveira, B. (2008). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso* (3a ed.). Porto: LivPsic.

Oliveira, C. M. (2011). *Relações Intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Política Social. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas: Lisboa.

Organização das Nações Unidas. (1991). *Princípios da Nações Unidas para as Pessoas Idosas* (resolução 46/91). Retirado em 10 de dezembro de 2011: [http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd\\_resolutions.html](http://www.un.org/esa/population/cpd/cpd_resolutions.html).

Organização das Nações Unidas. (2003). *Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

Organização das Nações Unidas. (2005). *Boletim do Centro Regional de Informação das Nações Unidas*. Bruxelas: Centro Regional de Informação das Nações Unidas. Retirado em 10 de dezembro de 2011: [http://www.unric.org/html/portuguese/newsletter/NEWSLETTER\\_Portugal1.pdf](http://www.unric.org/html/portuguese/newsletter/NEWSLETTER_Portugal1.pdf).

Palmeirão, M. & Menezes, I. (2009). A Interação Geracional como Estratégia Educativa: um Contributo para o Desenvolvimento de Atitudes, Saberes e Competências entre Gerações. In J. D. Pereira & M. S. Lopes, *A animação sociocultural na terceira idade* (22-35). Chaves: Intervenção.

Palmore, E. B. (1990). *The facts on aging quiz*. New York: Springer.

Parales, C. J. & Ruiz, E. D. (2002). La Construcción Social del Envejecimiento y de la Vejez: Un Análisis Discursivo en Prensa Escrita. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 34 (1-2), 107-121.

Peacock, W. E. & Talley, W. H. (1984). Intergenerational contact: A way to counteract ageism. *Educational Gerontology*, 10, 13-24.

- Pinto, T. A., Hatton-Yeo, A. & Marreel, I. (Org.). (2008). *Juntos - ontem, hoje e amanhã: Guia de Ideias para Planear e Implementar Projetos Intergeracionais*. Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Ativo: Portugal.
- Pinquart, M., Wenzel, S. & Sörensen, S. (2000). Changes in attitudes among children and elderly adults in intergenerational group work. *Educational Gerontology*, 26 (6), 523-540.
- Poeschl, G. (2006). *Análise de dados na investigação em Psicologia*. Coimbra: Almedina.
- Potter, J. & Litton, I. (1985). Some Problems Underlying the Theory of Social Representations. *British Journal of Social Psychology*, 24, 81-90.
- Ramos, N. (2005). Relações e solidariedades intergeracionais na família - dos avós aos netos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39 (1), 195-216.
- Ribeiro, A. P. (2007). *Imagens de velhice em profissionais que trabalham com idosos*. Dissertação de Mestrado em Geriatria e Gerontologia. Universidade de Aveiro: Aveiro.
- Ribeiro, A. & Sousa, L. (2008). Imagens da velhice e do envelhecimento em médicos, enfermeiros e técnicos de serviço social. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 2, 22-38.
- Robinson, T., Gustafson, B. & Popovich, M. (2008). Perceptions of negative stereotypes of older people in magazine advertisements: comparing the perceptions of older adults and college students. *Ageing & Society*, 28, 233-251.
- Sánchez, A. N. (1982). Imagen y Estereotipos Acerca de los Ancianos en Venezuela. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 14 (3), 363-383.
- Sánchez, M. (Org.). (2007). *Los programas intergeneracionales: Hacia una sociedad para todas las edades*. Barcelona: Fundación La Caixa. Colección Estudios Sociales.
- Schmidt, D. & Boland, S. (1986). Structure of perceptions of older adults. *Psychology and Aging*, 1 (3), 255-260.
- Schneider, R. H. & Irigaray, T. Q. (2008). The process of aging in today's world: chronological, biological, psychological and social aspects. *Estudos de Psicologia*, 25 (4), 585-593.
- Sena, T. B. (2011). O envelhecimento na sala de aula: A importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. *Revista Portal de Divulgação*, 15, 34-42. Retirado em 21 de dezembro de 2011 em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php/revistaportal/article/viewFile/186/209>.
- Silva, L. F. (2001). *Ação Social na área da família*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Simões, A. (1985). Estereótipos Relacionados com os Idosos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 19, 207-234.

- Sousa, L. & Cerqueira, M. (2005). As imagens da velhice em diferentes grupos etários: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Kairós*, 8 (2), 189-206.
- Sousa, L. & Cerqueira, M. (2006). Influência do género nas imagens da velhice: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Kairós*, 9 (2), 69-86.
- Sousa, L., Cerqueira, M. & Galante, H. (2008). How images of old age vary with age: an exploratory study among Portuguese population. *Reviews in Clinical Gerontology*, 18, 1-14.
- Spink, M. J. (1993). The Concept of Social Representations in Social Psychology. *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 300-308.
- Vala, J. (1993). Representações sociais - para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Org.), *Psicologia Social* (2a ed., 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vala, J. (2002). Representações sociais e psicologia do conhecimento quotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro (Org.), *Psicologia Social* (2a ed., 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vaz, E. (2008). *A velhice na primeira pessoa*. Penafiel: Editorial novembro.
- Veloz, M. C., Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (1999). Representações Sociais do Envelhecimento. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12 (2), 1-19.
- Viegas, S. & Gomes, C. (2007). *A Identidade na Velhice*. Coleção Idade do Saber. Porto: Ambar.
- Wachelke, J. F., Camargo, B. V., Hazan, J. V., Soares, D. R., Oliveira, L. T. & Reynaud, P. D. (2008). Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: dados coletados via internet. *Estudos de Psicologia*, 13 (2), 107-116.
- Wagner, W. (1998). Sócio-gênese e características das representações sociais. In A. S. Moreira & D. C. Oliveira (Org.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (3-25). Goiânia: AB Editora.
- Woolf, L. M. (1998). Effects of age and gender on perceptions of younger and older adults. In L. M. Woolf. *Ageism* (1-6). Retirado em 21 de dezembro de 2011 em: <http://webster.edu/~woolfm/ageismlist.html>.

# ANEXO 1

(Questionário sóciodemográfico e Escala ImAges)

Questionário n.º \_\_\_\_\_

Este questionário faz parte de uma investigação que tem como objetivo analisar as imagens e estereótipos sobre o envelhecimento. Solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste questionário. Não existem respostas certas ou erradas, queremos apenas conhecer a sua opinião. As respostas são anónimas e confidenciais.

### Dados Sócio-Demográficos

Coloque uma cruz (X) na opção que melhor se adequa à sua situação e escreva a sua resposta nos espaços em branco existentes para o efeito.

1. Idade: \_\_\_\_\_ anos

2. Curso que frequenta: \_\_\_\_\_ Ano: \_\_\_\_\_

3. Género:

a) Mulher       b) Homem

4. Estado Civil:

a) Solteiro (a)       b) Casado (a)

c) Viúvo (a)       d) Divorciado (a)

e) Outro, qual? \_\_\_\_\_

5. Local de proveniência:

a) Meio Rural       b) Meio Urbano

6. Reside com pessoas idosas? (entendido cronologicamente como pessoas com idade igual ou superior a 65 anos)

a) Sim  Se sim, qual o número de idosos? \_\_\_\_\_

b) Não

7. Com que frequência se relaciona com pessoas idosas da sua família?

1	2	3	4	5
Nunca	Menos de uma vez por semana	Uma vez por semana	Duas a três vezes por semana	Todos os dias

**8. Com que frequência se relaciona com pessoas idosas que não são da sua família?**

1	2	3	4	5
Nunca	Menos de uma vez por semana	Uma vez por semana	Duas a três vezes por semana	Todos os dias

**9. Sabe o que são programas intergeracionais?**

- a) Sim       b) Não

**10. Participou em programas intergeracionais?**

- a) Sim  Se sim, em quais: \_\_\_\_\_  
 b) Não

**11. Teve conteúdos sobre o envelhecimento no âmbito da sua formação no ensino superior?**

- a) Não   
 b) Sim  Se sim, foi através de: - Unidades Curriculares / Disciplinas

Quais? \_\_\_\_\_

Duração dos conteúdos: Inferior a 4Horas  Entre 4 e 8 horas

Entre 9 e 12Horas  Mais de 12 horas

- Partes do Programa

De que Unidades Curriculares? \_\_\_\_\_

Duração dos conteúdos: Inferior a 4Horas  Entre 4 e 8 horas

Entre 9 e 12Horas  Mais de 12 horas

- Outros  Quais? \_\_\_\_\_

Duração dos conteúdos: Inferior a 4Horas  Entre 4 e 8 horas

Entre 9 e 12Horas  Mais de 12 horas

**12. Fez/Está a fazer algum tipo de estágio com pessoas idosas durante o curso?**

- a) Sim  Se sim, qual a duração? \_\_\_\_\_  
 b) Não

**13. Participa ou participou em atividades de voluntariado com pessoas idosas?**

- a) Sim  Se sim, qual a duração? \_\_\_\_\_  
 b) Não

**Escala ImAgeS (Sousa, Cerqueira & Galante, 2002)**

Assinale com uma cruz (X) a resposta que corresponde à sua opinião pessoal, tendo em conta as seguintes afirmações.

1	2	3	4	5
<b>Discordo totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Não concordo nem discordo</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo totalmente</b>

		1	2	3	4	5
1	Uma pessoa velha não cuida do seu aspeto físico					
2	A velhice pode ser boa ou má, dependendo dos que nos rodeiam (amigos, família)					
3	Uma pessoa velha é triste e amargurada					
4	A velhice é uma fase da vida especialmente difícil (aproximação da morte, doenças, solidão, ...)					
5	Uma pessoa velha tem menos responsabilidades e obrigações					
6	Uma pessoa velha vive das suas recordações (repete sempre as histórias do passado)					
7	Uma pessoa velha sente muitas dores físicas					
8	Uma pessoa velha geralmente é pobre					
9	Uma pessoa velha tem um discurso incoerente					
10	Uma pessoa velha não admite os seus erros					
11	Uma pessoa velha sente menos as emoções (alegria, tristeza, ansiedade, amor, ...)					
12	Uma pessoa velha é doente (tem pouca saúde física e psicológica)					
13	A velhice é uma segunda infância					
14	Uma pessoa velha não reconhece que precisa de ajuda					
15	Uma pessoa velha é egoísta					
16	Uma pessoa velha tem pouca criatividade					
17	As pessoas velhas são todas iguais					
18	Uma pessoa velha não domina as novas tecnologias					
19	A velhice é a fase da deterioração das capacidades físicas					
20	Uma pessoa velha tem conhecimentos que já não interessam aos outros					
21	Uma pessoa velha precisa de muito descanso					
22	Uma pessoa velha precisa que tenham paciência com ela					
23	Uma pessoa velha já deu o seu contributo (bom ou mau) ao mundo					
24	Uma pessoa velha sente-se bonita					
25	Uma pessoa velha é inútil, parada e preguiçosa					
26	Uma pessoa velha tem vontade de viver					
27	A velhice é uma fase da vida especialmente boa (mais maturidade para desfrutar, alegria e felicidade)					
28	Uma pessoa velha é um a pessoa amorosa e carinhosa					
29	Uma pessoa velha continua a ter uma vida normal					
30	Uma pessoa velha é dependente e por isso precisa da ajuda dos outros					
31	Uma pessoa velha é aborrecida, rabugenta, teimosa					
32	Uma pessoa velha é ativa e esforça-se por assim continuar					

**The Resilience Scale (RS) (Felgueiras, Festas & Vieira, 2010)**

Assinale com um círculo (O) o número que melhor indica a sua opinião sobre os itens apresentados.  
 Responda a todas as frases.

Circule o número que indica o quanto concorda ou discorda com cada frase	Discordo							Concordo						
	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
1. Quando faço planos levo-os até ao fim	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
2. Eu normalmente acabo por conseguir alcançar os meus objetivos	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
3. Sou capaz de depender de mim próprio mais do que de qualquer outra pessoa	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
4. Manter-me interessado nas atividades do dia a dia é importante para mim	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
5. Posso estar por conta própria se for preciso	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
6. Sinto-me orgulhoso por ter alcançado objetivos na minha vida	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
7. Normalmente faço as coisas conforme elas vão surgindo	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
8. Sou amigo de mim próprio	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
9. Sinto que consigo lidar com várias coisas ao mesmo tempo	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
10. Sou determinado	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
11. Raramente me questiono se a vida tem sentido	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
12. Vivo um dia de cada vez	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
13. Posso passar por tempos difíceis porque enfrentei tempos difíceis antes	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
14. Tenho autodisciplina	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
15. Mantenho-me interessado nas coisas	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
16. Geralmente consigo encontrar algo que me faça rir	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
17. A confiança em mim próprio ajuda-me a lidar com tempos difíceis	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
18. Numa emergência, sou alguém com quem geralmente as pessoas podem contar.	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
19. Normalmente consigo olhar para uma situação de várias perspetivas	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
20. Às vezes obrigo-me a fazer coisas quer queira quer não	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
21. A minha vida tem sentido.	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
22. Eu não fico obcecado com coisas que não posso resolver	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
23. Quando estou numa situação difícil, normalmente consigo encontrar uma solução	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
24. Tenho energia suficiente para fazer o que deve ser feito	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
25. Não tenho problema com o facto de haver pessoas que não gostam de mim	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7

**Muito Obrigada pela sua disponibilidade e colaboração!**